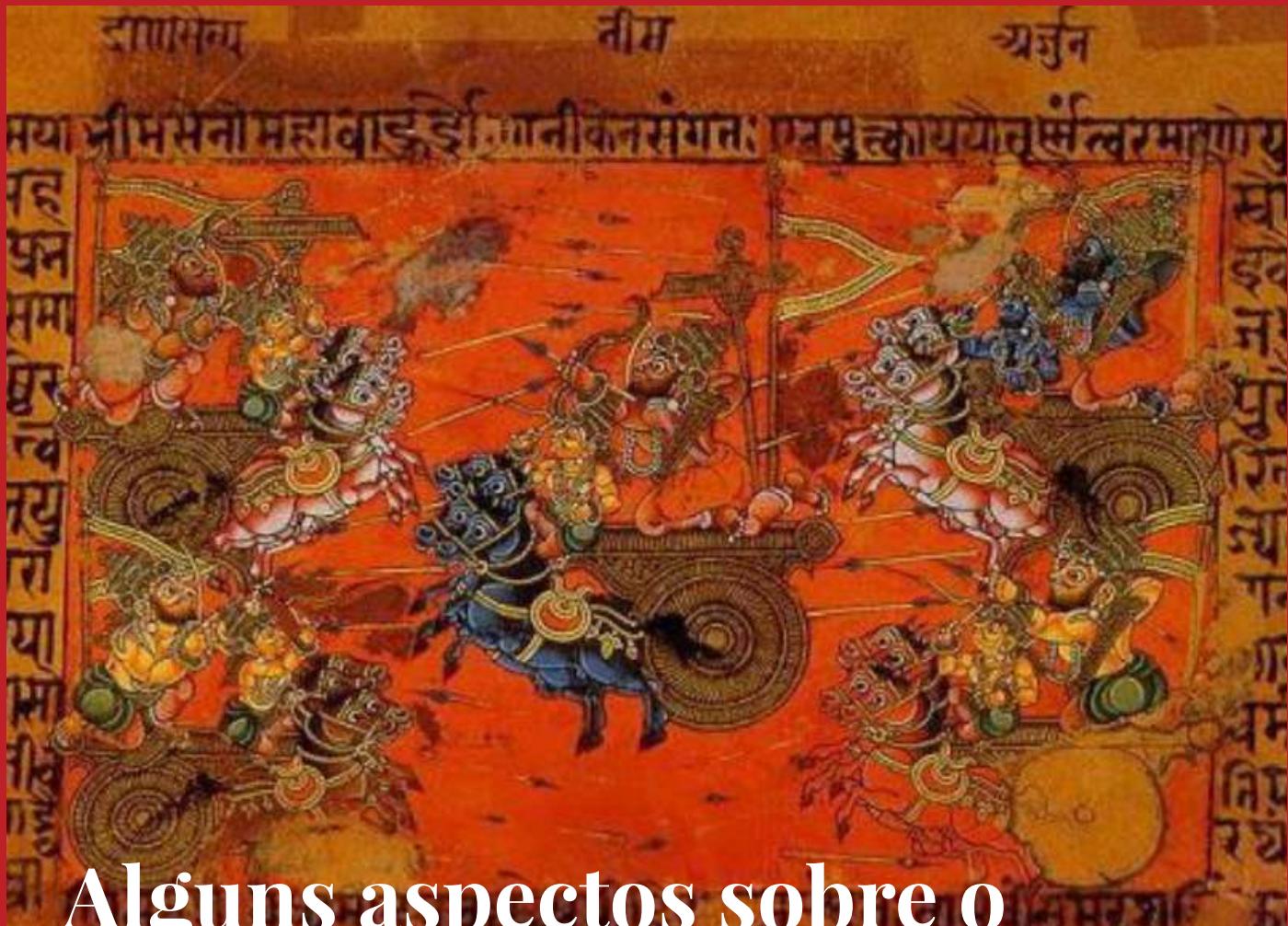


# pandava

प इष्टेन्द्रेतरांश रेत अनंतेश



## Alguns aspectos sobre o carro de guerra na Índia Antiga

O Ciclo da Primavera (*Falguni*), de Rabindranath Tagore  
Mitra e Varuna, os Senhores da Lei e da Verdade  
Prefácio ao livro “Bhagavag Gita”  
Tradução da *Bhagavadgītā*, Capítulo 15

# CONTEÚDOS

- 3. **Alguns aspectos sobre o carro de guerra na Índia Antiga**  
Por Ricardo Martins
- 6. **A Lenda de Bagger Vance**  
Por Alfredo Aguilar
- 9. **Ama-me ou Odeia-me, mas não sejas tíbio**  
Por Juan Martín
- 12. **O Ciclo da Primavera (*Falguni*), de Rabindranath Tagore**  
Por José Carlos Fernández
- 17. **Comentários ao Capítulo X do Dhammapada: A Violência**  
Por Isabel Areias
- 21. **Simbolismo Comparado do "Escudo de Héracles" e da "Roda da Vida" do Budismo (*Samsara*)**  
Por Franco Soffietti
- 29. **Mitra e Varuna, os Senhores da Lei e da Verdade**  
Por José Ramos
- 37. **A Guerra nos Vedas**  
Por F. Javier Saura Vílchez
- 44. **O Clarim – A Colheita**  
Por Rabindranath Tagore
- 46. **Prefácio ao livro "Bhagavad Gita"**  
Por José Carlos Fernández
- 49. **Tradução da Bhagavadgītā, Capítulo 15**  
Por Ricardo Martins
- 51. **Reavivar uma Cultura de Valores Humanos**  
Por Zarina Screwvala

Propriedade e direitos:



Revista organizada por voluntários da  
**Organização Internacional Nova Acrópole - Portugal**

Diretor: **José Carlos Fernández**  
Diretor Adjunto: **Ricardo Louro Martins**  
Editor: **Henrique Roque**

Web: [www.revistapandava.pt](http://www.revistapandava.pt)  
Email: [geral@revistapandava.pt](mailto:geral@revistapandava.pt)



# Alguns aspectos sobre o carro de guerra na Índia Antiga

Por Ricardo Martins

O cavalo e o carro de guerra são extremamente importantes na cultura e na literatura da Índia antiga. O culto aos Ashvins, os «cavaleiros» védicos, é a mais arcaica referência aos carros de guerra que conhecemos e, mais concretamente, a uma dupla de cavaleiros: um auriga e um soldado combatente. Aquilo que mais caracteriza a acção dos Ashvins é

a sua velocidade, e isto para várias tarefas, como o tratar, o resgatar e até o transporte da noiva para o casamento. O sacrifício do cavalo, o *ashvamedha*, relativo à força solar e às delimitações do reino, vem atestar, igualmente, a importância arcaica dos cavalos e dos carros. O mais famoso texto da literatura indiana, a *Bhagavadgita*, descreve-nos o

diálogo, precisamente, de uma dupla de soldados combatentes dentro de um mesmo carro, Krishna e Arjuna, onde se usam as suas partes como metáforas metafísicas, como é o caso da palavra *yoga*, «jugo». Já nos *Vedas*, em específico, o fabrico dos hinos era equiparado ao fabrico de um carro de guerra e a preparação ritual do soma comparada ao escovar de um cavalo, por exemplo. O carro de guerra é, definitivamente, o mais perceptível dos símbolos culturais ários e aquilo que mais define os Indo-Europeus. E, tal como decidiram o destino das civilizações antigas, também o fizeram entre os povos da Ásia do Sul, sendo imprescindíveis para a batalha e para a mobilidade destes povos, que, como se crê, eram invasores. Já no *Rigveda*, o carro é usado com vários sentidos metafóricos. Por exemplo, este torna-se no hino que viaja até aos deuses ou no sacrifício que invoca a presença dos deuses. Quando preparavam um ritual ou compunham um hino, os poetas tornavam-se construtores de carros, que eram usados em batalha, ou seja, em concursos de hinos, onde se avaliava a destreza, a velocidade e a capacidade de se chegar à meta, o que equivale a dizer: aos deuses. E, tal como os carros traziam o saque da batalha, ou o prémio da corrida, também os hinos traziam grandes riquezas dos deuses para os homens. O carro é também o veículo dos deuses, no qual eram vistos pelos homens e, através do qual, vinham até ao sacrifício pelos seus próprios caminhos. Existe, inclusivamente, um hino de carácter militar, onde os últimos versos são dirigidos ao tambor e ao carro de guerra, onde se usa o vocativo *deva ratha*, «ó deus carro!» (RV 6.47.26-31), o que atesta a sua importância divina. De entre os vários deuses que são associados ao carro, os *Bhrigus*, aqueles que obtiveram o fogo para a raça humana, são geralmente os seus constructores. E existem algumas outras duplas de condutores, como a de Indra e de Vayu. Indra é, aliás, o protótipo do soldado combatente e o melhor dos cocheiros (*sthatri*), o modelo que todos os soldados combatentes seguem no mundo. De forma mais concreta, o carro de guerra do *Rigveda* era chamado de *ratha*, cujo sentido primário deriva de «roda», do Indo-Europeu \**hret-*, «rodar», que aparece no latim

como rota. Ou seja, aquilo que melhor define o carro de guerra é a sua mobilidade e a sua velocidade. De acordo com a sua descrição, estes carros de guerra tinham duas rodas, sobretudo raiadas, com eixo rotativo, ou fixo, nas extremidades da plataforma. O jugo (*yoga*) era parte integrante do carro de guerra e era o elemento que se apoiava sobre os cavalos que serviam como animais de tiro nos veículos. Este tem como antecessor as carroças, que eram tracionadas por outros equídeos e até bovinos. A barra, que ligava o jugo à plataforma do veículo, terminando em forma de cruz elevada, servia como espinha dorsal de todo o complexo de locomoção e era ladeada pelos animais de tracção, sendo as suas principais funções, naturalmente, permitir que o veículo se mantivesse erguido na sua vanguarda, bem como fazer com que o carro acompanhasse os equídeos quando estes estavam a fazer curvas para ambas as direcções. Eram, geralmente, postos ao jugo dois cavalos, ainda que sejam também referidos quatro ou, simbolicamente, três, cinco e sete. Estes cavalos eram posicionados lado a lado, por forma a proporcionarem uma maior força de tracção. Mas são, também, referidos carros de guerra puxados por burros, tal como na Suméria. A plataforma era fixada, num eixo feito de madeira ou metal, em cujas extremidades eram fixadas as rodas raiadas, com quatro (como as egípcias) a oito raios (como as homéricas).



Carruagem puxada por cavalos esculpida no mandapam do templo de Airavateswarar. Século 12 d.C.  
Licença: uso não comercial

Se nos Vedas o carro de guerra é comparado ao sacrifício, nas Upanishads, vamos encontrá-lo como sinónimo do corpo físico, o veículo e o local de combate da alma encarnada. A caixa, ou plataforma quadrada, representaria o aspecto mais denso do corpo ou da própria personalidade, aquilo que é arrastado e dirigido. Na Kathopanishad (3.3-9), lemos o seguinte:

*«Conhece-te a ti mesmo (/ conhece o eu: atmanam) como o guerreiro, mas ao corpo (shariram) como o carro de guerra. Conhece a inteligência (buddhim) como o cocheiro e a mente (manah) como as rédeas. Dizem que os cavalos são os sentidos e os objectos dos sentidos os seus caminhos. “Aquele que jungiu a mente aos sentidos e ao eu, é quem usufrui”, dizem os sábios. Mas daquele que não comprehende, com a mente sempre disjungida, os seus sentidos são descontrolados, como os maus cavalos de um cocheiro. Mas daquele que comprehende, com a mente sempre jungida, os seus sentidos são controlados, como os bons cavalos de um cocheiro. Mas aquele que não comprehende, que é negligente e sempre impuro, ele não vai por aquele caminho e alcança a transmigração. Mas aquele que comprehende, que é atento e sempre puro, ele vai por aquele caminho e não volta a nascer. Mas aquele homem cuja mente tem as rédeas e o cocheiro a compreensão, ele vai até ao fim da estrada, o supremo caminho de Vishnu.»*

Se quisermos usar este passo paralelo a Bhagavadgita, podemos entender que Krishna é a inteligência, aquele que controla a mente e os sentidos. Arjuna, por sua vez, é o soldado combatente, aquele guerreiro dentro de nós que tem de combater, que tem de superar a dúvida e ser convicto no seu dever. Ambos se encontram dentro do carro, que é o corpo ou a personalidade. Sendo Krishna Deus, ou o nosso Eu Superior, mais facilmente comprehendemos que é ele quem nos deve guiar. O corpo é puxado pelos sentidos, que percorrem os caminhos dos seus objectos, mas quem o decreta é este auriga divino. A nós, ao nosso sentimento de si, compete combater dentro da nossa plataforma.



O carro de guerra épico é, em essência, o mesmo que é descrito nos Vedas. A diferença passa por alguns carros de maiores proporções, com quatro cavalos atrelados e, por vezes, com quatro rodas, que teriam menos velocidade, mas que causariam um grande impacto sobre as linhas inimigas. Estes cavalos estavam protegidos com armadura e levavam, também, ornamentos. Aqui, os cavalos de guerra são descritos como obedientes, dóceis, velozes e resistentes, mas também sensíveis ao destino dos seus donos. Não nos deverá ser alheia a dificuldade, que teriam os soldados, em agrupar estes dois cavalos, quatro no caso de Arjuna, e da sua colocação sob o mesmo jugo, devido à necessária compatibilidade de altura, de peso, de temperamento e de género, para gerar a desejada força de projecção, facto que constitui uma fácil extração para qualquer outro tipo de dificuldade ou de desafio. Se considerarmos os quatro cavalos brancos de Arjuna como os quatro veículos da personalidade, percebemos igualmente o desafio de os alinhar e de os tornar compatíveis para cumprirmos com o nosso dever quotidiano, já que é deles que depende a nossa mobilidade. Talvez nos seja, hoje, difícil de imaginar o impacto, inclusivamente sonoro, que tinham estes carros de guerra e o poder que exerciam sobre a nossa imaginação, mas o mesmo tipo de correspondência podemos fazer hoje com os nossos automóveis, aquilo que permite ao condutor fazer caminho, e tentar, a partir daí, alguma aproximação.



# A Lenda de Bagger Vance

Por Alfredo Aguilar

Este filme de 2000 é a adaptação do romance homônimo de Steven Pressfield, o seu primeiro êxito como autor, em 1995, a que se seguiu a sua obra mais popular, *Portas de Fogo*, em 1998, e pelo qual, graças à sua leitura, muitos de nós o conhecemos. Em A Lenda

de Bagger Vance, Pressfield quis transferir para o mundo do golfe o modelo de ensino da Bhagavad Gita – uma obra mística da Índia – que lhe causou grande impressão e à qual se refere sempre nas suas reflexões pessoais, especialmente nas suas últimas obras.



Cartaz do filme *A Lenda de Bagger Vance*.  
Imagen extraída do site: [www.filmaffinity.com](http://www.filmaffinity.com)

Isto poderia dar origem a enormes expectativas por parte daqueles que leram a *Bhagavad Gita* e assimilaram, pelo menos em parte, a sua enorme riqueza mística e espiritual. Isso seria um grande erro, dado que se trata de uma adaptação que utiliza o modelo de diálogo entre mestre e discípulo, dando origem ao despertar da letargia e tomada de consciência deste último. Por isso devemos manter as devidas distâncias em relação ao original.

O filme dirigido por Robert Redford, com um guião de Jeremy Leven, é, para mim, muito agradável, com um tom sóbrio e muito boa fotografia. O enredo tem lugar nas primeiras décadas do século XX e tem como protagonista um jovem jogador de golfe de enorme talento e com um futuro brilhante chamado Ranulph Junuh – interpretado por Matt Damon – que parte para a Primeira Guerra Mundial como oficial duma unidade de soldados da sua terra

natal, Savannah, na Geórgia, no sul dos EUA, e volta traumatizado por ser o único sobrevivente dessa unidade.

Ao regressar, retira-se dos seus círculos, ignorando a noiva que o esperava – interpretada por Charlize Theron – e não voltando a tocar num taco de golfe. Por outras palavras, afunda-se no seu próprio inferno e recusa-se a sair dele. Assim permanece durante toda uma década, até ao famoso crash da bolsa de valores de 1929 e a subsequente Grande Depressão. O pai da sua noiva tinha investido num hotel e clube de golfe, mas fica arruinado e morre. A filha, confrontada com a ameaça de perder tudo, porque os predadores pairam à sua volta para ficar com a propriedade, decide organizar um grande Torneio-Exibição de golfe. Para tal, convida as duas maiores estrelas do época – o que consegue contra todas as expectativas e com grande habilidade – mas os notáveis de Savannah exigem que um membro da terra participe no jogo representando a cidade. Então, surge o problema de encontrar o representante local, até que um menino menciona o Capitão Junuh, de quem quase ninguém se lembra, dado o tempo decorrido.

Indubitavelmente, tudo isto faz muito mais sentido se o espectador do filme for adepto de golfe ou amante do desporto. Walter Hagen – interpretado por Bruce McGill – e Bobby Jones – Joel Gretsch – são as duas grandes estrelas convidadas, personagens reais, extremamente famosas na sua época. Tinham personalidades completamente opostas e complementares aos olhos do público. Walter Hagen era profissional e amante da boa vida, enquanto Bobby Jones – a perfeição como jogador de golfe – se manteve sempre amador, apesar de, provavelmente, ter sido o maior jogador de golfe da história.

É aqui que uma estranha personagem chamada Bagger Vance –Will Smith– faz a sua aparição e consegue tornar-se no caddy<sup>1</sup> do capitão Junuh. A partir deste momento, o autor tenta representar

<sup>1</sup> caddy: aquele que acompanha o jogador de golfe durante e seu percurso no campo, carregando o material a utilizar e aconselhando quando for pertinente.

o diálogo que tem lugar na Bhagavad Gita, dando a Bagger Vance o papel do mestre que conduz e guia o discípulo desorientado, ajudando-o a reencontrar-se consigo mesmo. Os ensinamentos ou orientações que lhe oferece recordam-nos, de certa forma, o arqueiro Zen e a ideia de ser-se uno com a seta para se atingir o alvo. Adaptado ao golfe, trata-se de encontrar o campo, mentalmente, e estar em sintonia/ser uno com ele para que a bola o encontre naturalmente quando é lançada. O processo, como é lógico, tem os seus altos e baixos até chegar a um final inesperado, mas feliz, no qual Bagger Vance se despede, uma vez cumprida a sua missão.



Representação de Arjuna como guerreiro. Licença Pixabay

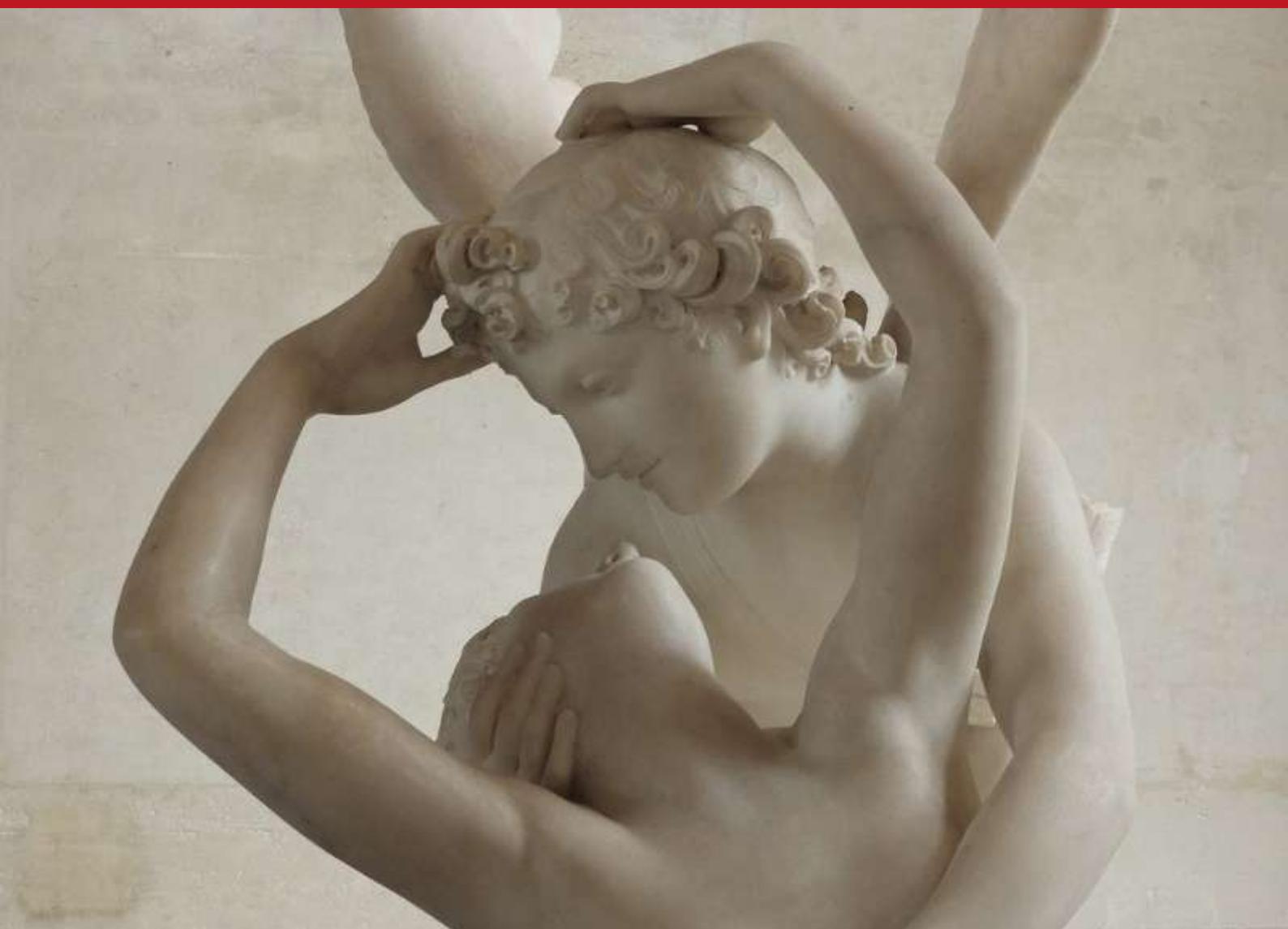
A personagem do narrador que recorda os acontecimentos, como ancião, é o mesmo menino que por aqueles dias tinha encontrado o capitão e o há-de acompanhar tanto a ele quanto a Bagger Vance durante todo o processo. Menciono isto porque o papel de ancião é interpretado por Jack Lemmon naquele que foi o seu último papel no cinema antes de morrer. Isto é importante para um cinéfilo, a última aparição de Jack Lemmon no cinema. Só para o ver vale a pena ir ao cinema.

No entanto, aparentemente, os críticos especializados não gostam dos temas relacionados com a procura de si próprio. O crítico da BBC considerou o filme “magnificamente fotografado” mas, no fundo, um “disparate pretensioso” e a personagem de Will Smith “ridícula”. O Time considerou-o um filme vergonhoso por apresentar um “amigo afro-americano mágico”. Por outras palavras, não podemos escapar ao facto de vivermos numa época cheia de preconceitos e ideias pré-estabelecidas que julgam ou ajuizam segundo o prisma dominante e a visão do politicamente correto, independentemente do valor em si mesmo. Longe vão os filmes da era dourada do cinema, como *O Fio da Navalha*<sup>2</sup>, em que estas questões não só eram bem tratadas como apreciadas por todos.

Guionista do filme, Steven Pressfield, a ser entrevistado pela filósofa Lúcia Helena Galvão

Já expressei a minha opinião: gostei do filme, como gosto do desporto. Com as limitações lógicas de uma adaptação, tenta abordar temas que hoje dificilmente são abordados e, só por isso, penso que valeu a pena o esforço.

<sup>2</sup> *O Fio da Navalha*: filme de 1946, adaptação do romance de Somerset Maugham *The Razor's Edge* com Tyrone Power e óscar para Ann Baxter.



# Ama-me ou Odeia-me, mas não sejas tíbio

Por Juan Martín

Publicado na revista *Seraphis* a 2 de maio de 2021

Por psicologia entendemos o estudo das nossas reações emocionais e mentais, o seu processo e resultado como ação no mundo material ou no plano mental e espiritual.

A psique, ou *psyché*, foi simbolizada nos tempos clássicos por uma borboleta, e se nos perguntarmos

sobre a razão, vamos descobrir que, certamente, a cor e a variedade dos desenhos das suas asas tinham algo que ver com isto, porque era símbolo da variedade e da riqueza da mente e das emoções. Mas, também, pela instabilidade que representa. Ao contrário das aves e de outros insetos, o voo da borboleta é tremendo e indeciso, parecendo

não ser capaz de adotar uma direção específica nos seus movimentos. Não nos esqueçamos que as borboletas surgem de um verme que rasteja no solo, ou seja, que a nossa psique, com toda a sua confusão colorida e insegurança, sempre será melhor do que limitar-se a uma vida ligada à terra.



<https://www.piqsels.com/es/public-domain-photo-fjnxk>

Porém, como a mente e as emoções não vivem isoladas, mas recebem impulsos e choques de cima e de baixo, isto é, influências espirituais e materiais, o estudo da psique humana é, também, equivalente ao estudo do ser humano, pois lá encontraremos as suas aspirações, os seus objetivos, as suas limitações, a sua felicidade e a sua dor, e até o seu futuro para além desta vida.

Estes impactos espirituais e físicos, juntamente com as influências de ações e pensamentos passados, para além dos impulsos herdados de vidas ou experiências passadas, determinam uma polaridade fundamental que se manifesta na direção da Energia Psíquica. Representa esta a força fundamental ou o vetor em ação durante a nossa vida: os nossos anseios, ambições e desejos.

Na antiguidade oriental, esta energia psíquica-emocional foi simbolizada de várias maneiras, uma delas através do deus **Kamadeva** da Índia, isto é, o deus (*deva*) do Desejo (*Kama*). Mas não se trata de mero desejo carnal, mas inclui outros aspectos mais gerais. Os vários epítetos deste deus explicam os seus outros significados subtis:

Manmatha, “**Quem agita o Coração**”  
 Atanu, “**O que não tem corpo**”  
 Ragavrinta, “**Caule da paixão**”  
 Ananga, “**Incorpóreo**”  
 Kandarpa, “**O que inflama até aos deuses**”  
 Mada, “**Intoxicador**”  
 Manasija, “**O que nasce da mente**”  
 Ratikanta, “**O senhor de Rati, a deusa do amor carnal**”  
 Pushpadhanva, “**Armado com um arco de flores**”

O deus do amor dispara, assim, as suas **flechas adornadas com cinco flores**, as **flores da árvore Ashoka**, que não causam tristeza nem pena, as **flores da Manga**, símbolo da docura por fora e da firmeza no interior, a **flor de Jasmin**, flor da pureza e cujo nome significa “Presente de Deus”, e os Lótus Azuis, a flor de origem egípcia que se abria em frente à luz do sol, simbolizando a abertura da alma à Luz Espiritual.



<https://www.piqsels.com/es/public-domain-photo-zkbdf>

O desejo, nas suas muitas manifestações, o desejo impuro e o desejo puro, ou o desejo misturado e o não misturado, arrasta-nos neste mundo de ilusão, faz-nos correr, rir e chorar, de tristeza e de alegria. Por isso, odeia-me ou ama-me, mas não sejas tíbio, porque sem alegria e sem dor não podes aprender neste mundo.

Mas há aqueles que decidem afastar-se do ruído mundano, para se declararem ascetas de qualquer raça, religião ou classe, para assim estarem perto

do espírito. No entanto, na solidão do seu retiro, da sua renúncia ao mundo, a alma está paralisada, a borboleta pára de bater. Não se tendo nenhum desejo, certamente, livramo-nos do pecado, mas renuncia à glória, essa condição sublime que, como um certo poeta sábio dizia, conduzia até ao umbral da Luz, porque é glória na dor, glória na alegria e na tristeza.

Renunciar ao mundo, certamente, mas quase sempre se entende que é minha renúncia participar e a fazer parte dele. E esse é o grande erro, porque **o mundo é a minha oportunidade de desistir de mim mesmo**. Sou eu quem deve renunciar a mim mesmo, quem deve renunciar a que o mundo gire à minha volta, para fazer com que eu trabalhe para os outros.



Kamadeva. Creative Commons

E o Habil Criador deste mundo, para que assim aprendesse, colocou no meio dele esse representante humilde de Si mesmo, o pequeno deus ou Deva do Amor. Portanto, Kamadeva, o hindu, ou Eros, como também chamam nas terras do sol poente, cada vez que vê uma alma adormecida perdendo o tempo em estranhos cantos de ódio e separação, como um criminoso ou como um eremita seco, lança as suas flechas com **cinco flores apaixonadas de Amor**, tirando a alma desse deserto espiritual, ou empurrando-a para o amor pequeno, pois o amor para com o próximo é também um passo necessário, ou para o maior Amor para com toda a Humanidade, abandonando assim as suas austeridades do deserto para **exercer as austeridades do verdadeiro amor, que são austeridade para si mesmo e, ao mesmo tempo, prodígio para os outros**, o prazer imenso em dar com a alma e as mãos cheias.



O “Amor de Psique”, António Canova,  
Licença Creative Commons



# O Ciclo da Primavera (*Falguni*), de Rabindranath Tagore

Por José Carlos Fernández

“A comédia da Primavera na Natureza é uma réplica da comédia da Juventude na nossa Vida. É o drama lírico do Poeta do Mundo; e dele tirei eu esta trama...”

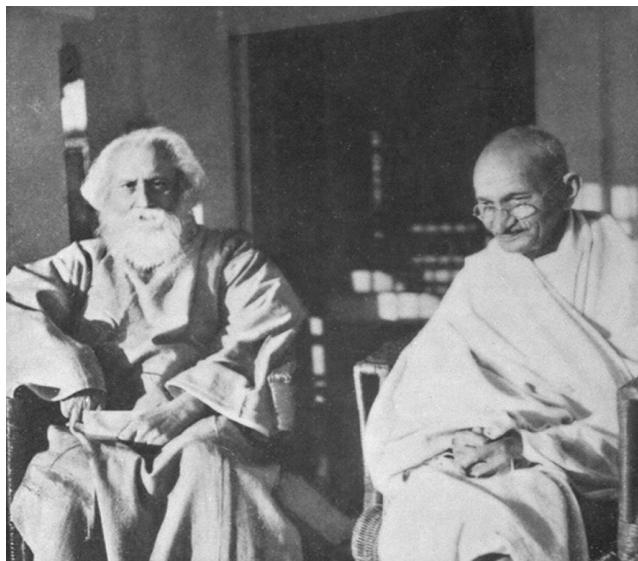
“Não vaciles pela senda, pois a senda desperta somente ante os alegres passos da liberdade.”

“Chegou o momento em que a Vida saberá que não estás desterrado na tua própria sombra!

O teu coração estalará em torrentes, sem abraços de gelo!”

Uma das figuras mais notáveis no nascimento da Índia moderna é Rabindranath Tagore (1861 – 1941), a quem Gandhi, unido por uma admiração mútua e, ao mesmo tempo, uma separação radical, chamou de “Sentinela” da Alma da moderna Aryavarta.

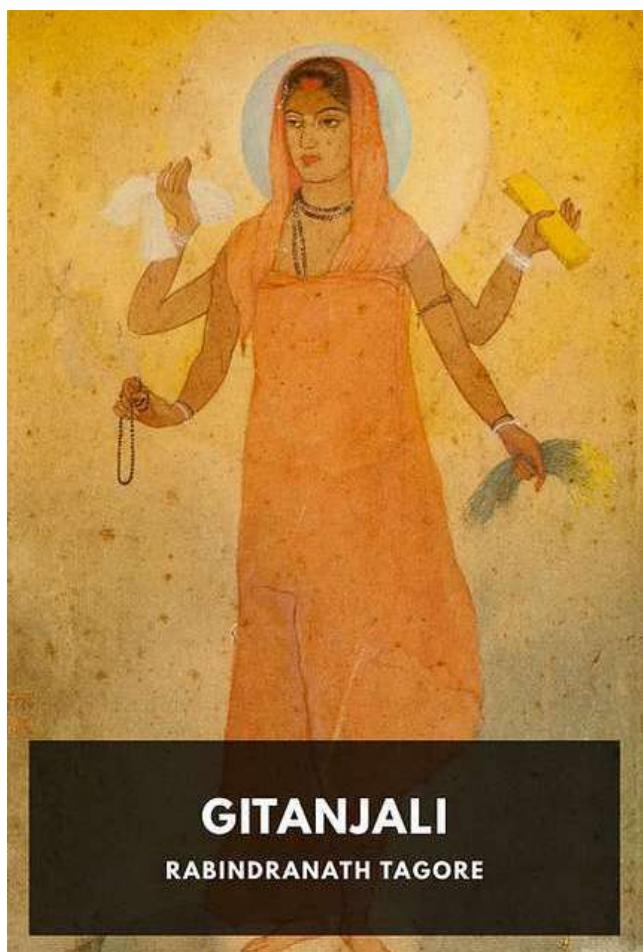
Foi ensaísta, poeta, escritor de romances e de obras teatrais (que também representava), filósofo, ativista político e social, e, no final da sua vida, também pintor, uma misteriosa e última faceta sua, que o relaciona com as novas correntes europeias e, simultaneamente, era completamente independente delas. Desde logo, Modigliani, Picasso e Kandinsky sorrirem ao ver as suas abstratas e, ao mesmo tempo, vivíssimas lâminas.



Rabindranath Tagore e Gandhi em 1940. Domínio público

Com uma obra muito extensa, pródiga em número e em género, traçou uma estela de mais de 25.000 páginas literárias escritas, editadas em 32 extensos volumes em Bengali (cada uma delas equivalente a um *Senhor dos Anéis*); uma correspondência muito abundante, recolhida em 19 volumes; 2.500 pinturas e 2.350 composições musicais, a maior parte delas canções, com a sua letra e música (entre as quais se destacam os atuais hinos da Índia e do Bangladeche). Deste enorme material, apenas 5% foi traduzido para o espanhol e, menos ainda para o português, apesar do vínculo deste país com a terra criadora do *Mahabharata*.

O Prémio Nobel da Literatura em 1913, especialmente pela sua jóia lírica *Gitanjali* (à qual vamos dedicar um artigo na próxima revista), fê-lo mundialmente conhecido, viajando por todo mundo. Mas, 30 anos depois, a fama efémera fechou as suas asas e o seu voo noutras terras que não a sua Mãe Índia. Os esforços de tradução de Zenobia Camprobi, em Espanha e os da divulgação de Juan Ramón Jiménez e Ortega y Gasset fizeram com que, precisamente neste país irmão, ainda seja lido e admirado.



Capa de Livro realizada apartir de Bharat Mata, uma pintura de Abanindranath Tagore. Domínio Público

Este quase esquecimento torna, infelizmente, difícil de encontrar estudos académicos, ou mesmo artigos informativos, por exemplo, sobre uma obra tão sublime e bela como o *Ciclo da Primavera* ou *Falguni*, no seu título original. As suas representações, apesar de serem das mais importantes traduzidas para o espanhol, são mínimas e exclusivamente da sua terra natal. E aqueles que nelas atuam, os

protagonistas, que deveriam ter sido um grupo de crianças, são adultos, perdendo assim o teatro grande parte do seu espírito original. Lanço um desafio a todos os que leem este artigo e depois o livro, especialmente aos que agem no campo teatral, de se representar este belo drama infantil, em que o autor até fez a música das canções (neste caso, talvez uma adaptação e nova música seriam necessárias).

*Falguni* foi escrito em 1916 e foi realizado para angariar fundos e ajudar as vítimas de uma fome que tinha ocorrido na Índia. É uma obra bela e certamente misteriosa.

Um rei, que descobriu o seu primeiro cabelo grisalho, está deprimido com o “cartão de convite da morte” e negligencia os seus deveres. O povo aglomera-se às portas do seu palácio desesperado de fome, o embaixador chinês aguarda uma audiência, o general quer dar notícias sobre o campo de batalha, e o vizir reclama, mas ele é vítima do temor ao tempo e chama o seu pandita para que este lhe leia textos de Filosofia abstrusa do seu livro *Oceano da Renúncia*. Embora seja evidente que o autor desta obra, o pandita, não é de forma alguma um exemplo de tal renúncia. O rei quer evitar ouvir o poeta que o põe frente a frente com o ímpeto da vida e da sua música, pois, no fundo, ainda que seja rei, está atemorizado. Mas o poeta com os seus enigmas, com os seus versos e com a sua música, vai despertando de novo a coragem do monarca, que se dá conta do seu erro e da vergonha de renunciar aos seus deveres que devem ser também a sua paixão e alegria. Para lhe ilustrar os mistérios do espírito e da relação com o tempo, e como este o vence, o poeta organiza uma representação teatral onde se expõe o segredo da eterna juventude, a “Afrodite de Ouro” dos pré-socráticos e que tantas vezes explicou o filósofo Jorge Angel Livraga como a mais sublime de todas as conquistas, o verdadeiro florescimento da Alma.

Uns rapazes, incitados pelo seu Chefe, vão perseguindo o Velho, o que faz sentir a todos o frio da falta de vida, a perda de entusiasmo, a morte dos sonhos e a derrota vítimas do tempo. Gui-

-os Chandra e vão acompanhados por Dada, um pedante que quer fazer que toda a gente oiça os seus escritos e reflexões. Chegam junto de um barqueiro e de um vigilante que lhes assinalam onde está o Velho, e junto de um menestrel cego, que lhes diz onde se encontra a sua gruta. Chandra aventura-se lá dentro à sua procura, e eles começam a sentir o desânimo e a derrota. Quando ele sai, radiante, diz que o encontrou, e eles recuperam a sua alegria e optimismo, e a sua capacidade de amar. No final, o Velho era o próprio Chefe, o seu oculto motor, mas visto atrás, na sua sombra. A saída de Chandra da gruta e a solução do enigma marcam o retorno da Primavera.

Como o próprio Tagore diz na obra, o Chefe é “o impulso que guia a nossa vida”, Chandra é “o que nos faz a vida grata”, Dada é aquele “para quem a essência da vida é o dever, não a alegria”, o menestrel cedo é “aquele que, como não vê com os seus olhos, vê tudo com todo o seu corpo e toda a sua alma”. É fácil de ver a relação do Chefe com o Sol, de Chandra com a Lua, de Dada com Saturno, do Menestrel cego com Mercúrio; e dos rapazes com as estrelas. Noutra chave, talvez, o Chefe seja o Logos, o motor da existência, o Sol da Vontade, e os rapazes as centelhas da sua vida e do seu amor, peregrinas e criadoras de tudo quanto existe, as mónadas viajantes da Doutrina Secreta de H.P. Blavatsky, ou os próprios rios da eternidade que o próprio Logos ata, prende e lança como o coração impulsiona o sangue que dá vida ao organismo. Numa chave psicológica, o Chefe é a vontade espiritual, e os rapazes os seus raios na alma, cuja própria presença é a eterna juventude, Dada seria a mente que categoriza e que, ao fazê-lo, aprisiona e mata o real; e Chandra, o grande amor que congrega todas as centelhas e as faz procurar o Chefe, ou o espírito desconhecido, vencendo o mistério do tempo. Ou o Chefe é Apolo, e os rapazes os hiperbóreos, heraldos da Primavera, que vencem o inverno e devolvem a esperança e a necessidade de conquistar, de ir mais além, de vencer todos os obstáculos. O Chefe é “um perfeito veterano da infância; tão atordoado, que vai derramando idade por todas as partes” e os rapazes são as “borboletas libertadas da crisálida da idade”.



Licença Pixabay

Ao começar a representação, Tagore escreve:

*“Os Heraldos da Primavera correm de um lado para o outro. Cantam as folhas de bambu, os ninhos dos pássaros e os ramos da magnólia em flor.”*

E na primeira cena uns meninos figuram como bambu dançando ao vento de Abril, outros a flor da magnólia e umas meninas dançam como pássaros no ar, cantando:

*“O céu derrama a sua luz nos nossos corações, E nós enchemos o céu de respostas! Quando o ar nos move as asas delirando, Apedrejamos o ar com as nossas melodias! Ó Chama dos Bosques; As tuas tochas de flores estão todas a arder E, ao teu beijo, tornaram-se româs as nossas canções Com a tua paixão de juventude!”*

Na sua primeira aparição, os rapazes, com a luz do amanhecer, fazem sentir também a Primavera e o Amor:

*“O fogo de Abril salta pelos bosques, E destila em flores e em folhas Por todos os cantos e esconderijos! Derrama o céu as suas cores, Delira o ar em harmonias; Os ramos, sacudidos pelo vento Vertem a sua inquietude pelo nosso sangue; E os ventos riem-se vacilando E vai de flor em flor a brisa, perguntando os seus nomes!”*

Misteriosas estas centelhas na alma da eterna juventude, que evocam estes rapazes, os raios da própria Primavera. Dizem:

*“Na realidade somos crianças, e tudo tem limitação menos a criança.”  
“Morremos velhos, mas nunca teremos idade.”  
“Para nós nunca será vazio o mundo;  
Nunca o nosso caminho se interrompe  
Pode ser ilusão o que seguimos,  
Mas nunca nos há-de trair,  
Nunca!”  
“Não tememos, amigo, o trabalho,  
Porque sabemos que o trabalho é jogo,  
O jogo da vida!  
Jogo é a luta, o ser agredido  
da vida à morte;  
Jogos são os vislumbres do riso  
de luz, do infinito coração;  
jogando ruge o vento  
e espuma o mar!”  
“Jogar põe em flor as flores,  
E amadurece os frutos,  
No sol da eterna juventude!  
“O jogar rebenta para cima, no incêndio  
encarnado como sangue,  
E lambe, tornando-os cinzas, o corrompido e  
o morto!”  
“Viemos despertando, por todos os cantos,  
Aos nossos companheiros de alegria, antes de  
amanhecer (...)  
O teu coração, Inverno, será nosso;  
E brilhará nas folhas comovidas,  
E rebentará nas flores (...)  
Com correntes de flores te ataremos,  
As que a Primavera põe aos seus cativos;  
Pois sabemos que levas o teu tesouro  
De juventude oculto nos teus andrajos  
cinzentos.”*

No último acto, o quarto, a vitória da Primavera sobre o Inverno é incrível, toda uma explosão de vitória, de luz, de alegria, de sabedoria e de renovação. Como diz Tagore: “o Inverno revela-se como a Primavera e responde às perguntas das coisas juvenis.” Na “Canção dos Fardos Descarregados” (curioso título) os Heraldos da Primavera obrigam o Inverno a responder:

*“Declaras-te vencido pela juventude? Sim  
Encontraste o fim, o velho sem Idade, que se  
renova sempre? Sim  
Saíste, por fim, das muralhas que se afundam  
e enterram os que protegem? Sim  
Declaraste-te vencido pela vida? Sim  
Passaste a morte? Puseste-te cara a cara com  
o que não pode morrer? Sim  
Mataste o demónio de pó que engole a tua  
cidade imortal? Sim”*

Estas páginas são um dos mais belos cantos de amor jamais escritos, de um amor sem sombra, sem nome nem forma, livre e puro, e as afirmações sucedem-se como se a alma fosse um gongo que é golpeado, uma e outra vez, e outra mais.

*“Parece que as estrelas que estão sobre nós são  
olhares de infinitos olhos que conhecemos em  
tempos longínquos. Parece que através das  
flores vem o suspiro daqueles que esquecemos,  
dizendo-nos: Recorda!”  
“Deixaste para trás o teu amor, coração meu,  
E não consegues ter paz?  
A tua senda perdeu-se e esqueceu-se,  
Sem esperança da tua volta?  
Vagando, escuto o canto do riacho  
E o rumor das folhas;  
E parece-me que encontrarei essa senda  
Que vai à terra do amor perdido,  
Mais além da estrela da tarde.”*

Que belíssimo também quando diz que Primavera existe graças ao impulso de todos os idealistas:

*MENESTREL: [Chandra] disse: “Os homens sempre lutaram por uma causa; e esse ímpeto é o que alvoraça a brisa desta Primavera.”*

*RAPAZES: O ímpeto?*

*MENESTREL: Sim, a mensagem que diz que a luta do homem ainda não terminou.*

*Rapazes: É isso o que diz a Primavera?*

*MENESTREL: Sim, os que foram tornados imortais pela morte, enviam a sua mensagem nestas folhas novas da Primavera dizendo-nos: “Nunca duvidámos do caminho, nunca duvidámos do gasto; saímos a correr e florescemos! Se nos tivéssemos detido a pensar-lo, para onde teria ido a Primavera?”*

Quando Chandra entra no desconhecido, ao sair arrasta o Velho atrás dele, que no final se descobre ser o próprio Chefe:

*MENESTREL: Aí vem a sair da gruta. Sim,  
alguém vem a sair da gruta. Que maravilhoso!*

*CHANDRA: Mas, se és tu!*

*RAPAZES: O nosso Chefe! O nosso Chefe! O  
nosso Chefe! Mas, onde está o Velho?*

*CHEFE: Não existe.*

*RAPAZES: Não existe?*

*CHEFE: Não.*

*RAPAZES: O que é, então, o Velho?*

*CHEFE: Um sonho.*

*RAPAZES: Então, o real és tu?*

*CHEFE: Sim.*

*RAPAZES: E nós somos também realidade?*

*CHEFE: Sim.*

*RAPAZES: Os que te viram por detrás,  
imaginaram-te de mil maneira... Não te  
reconhecemos através do pó. Que velho  
parecias! E saíste da gruta; e agora pareces  
uma criança! É como se te vissemos pela  
primeira vez!*

*CHANDRA: Tu és novo todas as vezes! Tu és  
novo todas as vezes!*

Quando o Menestrel, que é cego, sente a Luz da Primavera, as suas brisas de amor, canta:

*“Vitória a ti; vitória para sempre, valente  
coração!*

*Vitória à vida, ao amor, à alegria, à luz eterna!*

*A noite irá acabando, a sombra apagar-se-á;  
tem fé, coração valente!*

*Desperta do teu sonho, do teu lânguido  
desesperar;*

*Recebe a luz do dia novo como uma canção!*

Representou-se alguma vez em espanhol ou português, em francês, alemão ou italiano, esta joia esquecida, que é necessário que irradie cada vez mais a sua luz ao mundo? Arranquemo-la da noite dos livros que ao não serem lidos, dormem, esperando. E das obras de teatro que esperam o correr do pano para que nos inundem com a sua torrente de emoções e de verdades como estrelas.



# Comentários ao Capítulo X do Dhammapada: A Violência

Por Isabel Areias

*Nem caminhando nu, nem cabelos emaranhados, nem lama, nem jejum, nem deitando-se no chão, nem cobrindo-se de cinzas e poeira, nem sentado sobre os calcanhares (em penitência) pode purificar um mortal que não tenha superado a dúvida.*

A dúvida aparece no capítulo do Dhammapada sobre o Dandavagga<sup>1</sup> como um dos elementos condutores

da violência no Ser Humano. Talvez porque a dúvida esteja na origem do separatismo, a polaridade inerente à realidade humana e, desta forma, não existe nenhum Ser Humano ausente de dúvida

---

<sup>1</sup> Violência.

ou de alguma forma de violência. Este facto pode ser visto como natural, pois ninguém se encontra na unidade constante. Ninguém possui a certeza absoluta, ou a verdade absoluta, ou o pensamento absoluto. Desta forma, vivemos em dualidade, ou seja, em dúvida permanente. A Violência, cujas manifestações são tão diversas como o número de estrelas que encontramos no céu, tem como raiz a dúvida e como consequência a ira, a opressão, a vingança e a insensatez. Na Natureza Humana, a violência e todas as suas formas afetam o plano físico, emocional, mental e espiritual. Apesar da violência física apresentar-se como um dos aspectos mais chocantes da violência, aquela que entendemos como mental ou emocional não pode ficar negligenciada ou esquecida. A intolerância apresenta-se como uma importante faceta da violência que não manifestamos com todos os que nos rodeiam, apenas com alguns. E por esse motivo, a violência é um subtil aspeto da nossa existência, pois nem todos são vítimas dela. Apenas aqueles que suscitam a dúvida e aumentam as nossas polaridades estão sujeitos à nossa intolerância e violência. Desta forma, todos temos sementes de violência a retirar e todos temos algo a aprender sobre o Dandavagga.

## A Ira

*Que não se fale asperamente a ninguém, pois aqueles a quem se fala podem retaliar. Em verdade, o discurso irado dói, e a retalição pode avassalar.*

Se a dúvida gera violência pelo conflito que criámos interiormente, devido à ausência de unidade, a ira e as palavras surgem como uma consequência externa desta causa primeira. Uma mente estável e nobre não duvida. Sabe para onde se dirige e para onde direciona o seu pensamento, evitando assim a tormenta da discussão.



Licença pixabay

Uma mente instável e quebrada não sabe para onde dirige o seu pensamento, cedendo ao tumulto e ao conflito interno, materializado no discurso violento e agressivo. A retalição, como resposta ao sucedido, gera no “agressor” um comportamento de vitimização, pois este não se consciencializou que a dúvida interior a que estava sujeito gerou um conflito e um acto de violência. Da mesma forma que ao atirarmos uma pedra para um lago a consequência surge no conjunto de ondas que aparecem, também o falar asperamente poderá ter uma retalição avassaladora como consequência karmica do mesmo. As palavras surgem como um dos comportamentos mais recorrentes da violência: palavras com ira, com indiferença, com arrogância ou mesmo com o silêncio, podendo ser o primeiro ponto a superar no nosso caminho rumo à unidade.

## A Opressão

*Aquele que, ao buscar a felicidade, oprime com violência outros seres que também desejam a felicidade, não alcançará felicidade daí em diante.*

A opressão apresenta-se como uma humilhação realizada pelo opressor perante algo exterior. Esta necessidade surge no coração daquele que, ao duvidar de si mesmo e das suas potencialidades divinas e profundas, não aceita a elevação e a felicidade dos demais. A dúvida de si mesmo é um princípio para a violência ao gerar comportamentos

de vaidade e arrogância, pois o poder apresenta-se como uma necessidade intrínseca ao Ser Humano.



Licença pixabay



Licença pixabay

Perante a não-dúvida, o poder surge como uma força interior, como uma unidade interna, ausente de polaridades e conflitos. Mas perante a dúvida, o poder surge como uma força que tudo empurra e arrasta para a conquista dos seus desejos. Não existindo conflito interno, a felicidade abre-se no coração de cada Ser Humano que vê a felicidade do outro como a fonte da sua própria felicidade. Não existe competição, mas cooperação e fraternidade.

## A Vingança

*Se, como um gongo quebrado, a pessoa silenciar, aproxima-se do Nibbāna, porque nela já não mora a vingança.*

O Silêncio, apresenta-se no Dhammapada como um dos caminhos para a unidade interior, e por isso acompanha o Homem justo, nobre, estável, calmo e liberto de desejos. Na ausência de silêncio a queda no ruido interno e das ensurdecedoras palavras derivadas do conflito dos “eus” suscitará a vingança como uma forma de justiça cega.

A vingança simboliza o não-conhecimento das leis da natureza. A ignorância leva à vingança pois a dúvida de uma ordem universal gera a descrença e o impulso arrogante de querer assumir o leme da existência.

Abrir caminho ao “Som Insonoro” que habita no interior do Ser Humano e construir uma porta de acesso à Unidade e à Paz interior atenua a vingança e o violento desejo de resposta ante a incompreensão da vida. O importante ato de responder a algo deve exigir a evocação do silêncio e do discernimento, pois entre as múltiplas vozes internas, a vingança aparece disfarçada de justiça e retidão. Por esse motivo, a violência apresenta-se muitas vezes sob a bandeira da verdade, pois ainda não conhecemos as ténues fronteiras desta realidade.

## O Insensato

*Quando o tolo comete maldades, ele não percebe (a sua má) natureza. O homem insensato é atormentado por seus próprios atos, como queimado pelo fogo.*

Toda a forma de violência gera o seu oposto arrependimento na consciencialização do papel encenado pela insensatez. No entanto, o tormento interior, contrário à tranquilidade, torna-se muitas vezes necessário ao Ser Humano que caminha em direção à Unidade, ao Dharma. Pelo tormento interior, consciencializamos as dualidades e as dúvidas com maior visão. O fogo purifica todos os elementos causadores de dúvida, fazendo clarear no Ser Humano as suas certezas mais profundas.

O karma torna-se assim o caminho para o Dharma, pois o Ser Humano localiza a sua existência entre a Dualidade e a Unidade, entre a dúvida alicerçada nas variantes constantes da vida e as dúvidas alicerçadas pela certeza última da existência.



Licença pixabay

A primeira como a ilusão do movimento e a segunda como o movimento ascendente em si. Mas todo o Ser Humano tem em si a insensatez, pois todos possuímos zonas de ignorância. E perante aquilo que não conseguimos ver, as dúvidas evocam o medo e o medo a violência. Desta forma, passamos pela vida a sentir este fogo que queima o nosso interior. E enquanto isso acontecer, significa que somos insensatos.

## O Silêncio e a Felicidade

Dez são os estados daquele que comete violência: Dor aguda, ou desastre, lesão corporal, doença grave, ou perturbação mental, problemas que advêm do governo, ou graves acusações, perda de parentes, ou perda de riqueza, ou casas destruídas assoladas pelo fogo; após a dissolução do corpo esse homem ignorante nasce no inferno.

Este seria o caminho para a destruição deste sofrimento ilimitado: Pela fé e pureza moral, pelo esforço e pela meditação, pela investigação da verdade, por ser rico em conhecimento e virtude, e por ser consciente.

O domínio de nós próprios gera-se pelo encontro com a unidade dentro de nós. Talvez esta seja uma ideia difícil para o Homem atual. Mas iniciar um caminho de encontro com a nossa tranquilidade através do Silêncio e da sessão das dúvidas internas, poderia ser, tal como refere o *Dhammapada*, uma forma de combater a violência, pois a exteriorização da nossa dor e do nosso combate interno não são mais do que um reflexo destes ruídos que não acessam ao Som Interno.



Licença pixabay

A procura da felicidade, do encontro com a unidade e a saída da dualidade, do conflito e da luta interna gerada pelas dúvidas, é um estado comum no Ser Humano. No entanto, a ausência de domínio interior, anula o discernimento, tornando o Homem insensato e “tolo”, como refere o *Dhammapada*, pois toma por realidade o complexo mundo de enredos ilusórios provocados pelo desejo e pela incompreensão da roda que faz girar o mundo. Consciencializar a nossa insensatez e compreender as nossas zonas de violência, é um princípio para a acessão da mesma e o encontro dessa felicidade que, mesmo não sendo permanente, pode apresentar-se como mais permanente na nossa vida.

*Aquele que, ao buscar a felicidade, não oprime com violência outros seres que também desejam a felicidade, encontrará felicidade daí em diante.*



# Simbolismo Comparado do “Escudo de Héracles” e da “Roda da Vida” do Budismo (*Samsara*)

Por Franco Soffietti

## INTRODUÇÃO

Afirmam as tradições ocidentais que o poema O Escudo de Héracles foi cantado por Hesíodo por volta do século VIII a.C., ao ser inspirado pelas Musas. Os costumes orientais mencionam que o símbolo da Roda da Vida foi diagramado por Buda Shakyamuni, a quem conhecemos pela sua personalidade, como Siddhartha Gautama, por volta do século VI a.C.



Escudo de Héracles

Ao observar de perto as descrições de Hesíodo sobre o escudo e as descrições budistas sobre a Roda da Vida, é surpreendente encontrar profundas coincidências entre os dois símbolos. Neste trabalho tentaremos, pelo menos nas camadas mais superficiais de ambas as rodas, mencionar alguns desses pontos em comum.

Não é simples e muito menos linear a comparação entre os dois símbolos, um do Oriente e outro do Ocidente. Um dos motivos é a complexidade de formas, seres, figuras e elementos que compõem tanto a imagem do Samsara quanto o Escudo de Héracles. Entretanto, uma segunda causa desta dificuldade é que, assim como a Roda da Vida define o circuito da evolução com detalhes muito específicos, Hesíodo apresenta as cenas esculpidas

no escudo por Hefesto, deus do fogo e das artes, sem especificar a “localização exata” desses elementos.

Tendo em vista as ressalvas anteriores, iniciamos o estudo que tem como base a Roda da Vida.

## O SIMBOLISMO DO CÍRCULO

A forma circular tanto do escudo quanto do Samsara representa o Cosmos, o universo, como uma Unidade única onde tudo o que vive está contido. O círculo também está relacionado com o número zero, símbolo ao mesmo tempo do Tudo e do Nada; ponto escuro e inexistente de onde surge o Um e daí, o resto do cosmos.



Roda da Vida, Samsara

O círculo tem uma parte visível, que é a circunferência que o contém, mas nasce graças a um centro invisível. Todos os pontos da circunferência estarão à mesma distância do centro e todos compartilharão o mesmo centro. Por isso, o Zero, em muitas tradições, representava a **Divindade Absoluta**, aquela que, invisível no centro do Mundo, é o motor da vida em todos os planos cósmicos. Essa **Divindade** é a mesma para todos, pois reside além de todas as diferenças possíveis, o que faz do Cosmos uma Unidade; integra e que unifica todas as partes. A forma circular também representa a maneira pela qual o tempo e todos os seres vivos se desenvolvem na existência (incluindo a consciência humana).

O raio desse círculo, diriam no Oriente, permanece constante na medida em que um se “estagna” na evolução; mas, como o propósito da evolução é voltar ao ponto de partida, esse círculo deveria ir-se fechando numa espécie de espiral que unifica as áreas mais externas, com o centro invisível que dá vida ao círculo.

Em suma, a forma circular fala da Unidade dos seres no universo, dos ciclos e do desenvolvimento; para o simbolismo do herói é o caminho atravessando provas e desafios, para deixar de ser um cego e conseguir um lugar junto dos **Sempiternos**, como é o caso de Héracles. Para o budismo, é o ciclo constante de encarnações, através das quais, por meio do desapego, o Nirvana pode ser alcançado.

Além disso, ambos concordam que a vida é um confronto constante de provas e desafios cujo objetivo último é desenvolver a consciência; levando-a desde o que existe até ao que é e nunca perece.

## O CENTRO

No centro da Roda de Samsara encontramos três animais profundamente simbólicos: um porco/javali que morde a cauda de uma serpente e esta, por sua vez, faz o mesmo com um galo que, com o seu bico, pega na cauda do javali.



Os três venenos, centro do Samsara

O galo contém no seu simbolismo as nefastas noções de desejo, apego e ganância. A serpente, por sua vez, simboliza o conhecimento, o poder,

a astúcia, a subtileza e o **engenho**, e ao mesmo tempo a escuridão, o mal e a tentação; para o budismo, representa o ódio. Já o porco/javali é uma representação da ganância e da gula. Os três animais são os “três venenos” ou as três “raízes do delírio”, pois deles nascem os males da vida que nos corrompem por dentro. O desejo, o apego e o ódio seriam então as “energias” que nos mantêm unidos e condenados na Roda de Samsara. Eles são as forças que colocam a roda em movimento.

A respeito do Escudo de Héracles, Hesíodo inicia a sua descrição mencionando que: “No centro havia uma terrível serpente, indizível, olhando para trás com olhos que lançavam lampejos de fogo; a sua boca estava repleta de dentes brancos, terríveis e enormes (...)” (Escudo, 144-146).



Serpente no centro do Escudo de Héracles

No escudo também “(...) havia manadas de javalis e leões que se olhavam fixamente e furiosos prontos para atacar. As suas fileiras estavam amontoadas e nem um nem o outro tremiam, embora ambos estivessem com os seus pescoços eriçados. Já para eles, um enorme leão jazia morto; e ao seu lado, dois javalis privados de vida; debaixo dele, sangue negro pingava no chão; e estes, com os seus pescoços quebrados, jaziam assassinados pelos terríveis leões. Aqueles ainda mais se levantaram furiosos para lutar, uns e outros: os javalis e os leões com olhos de fogo.” (Escudo, 168-178).

No centro do escudo, a serpente; em algum setor que não está explícito no poema, leões e javalis. Se considerarmos válido o aspecto “negativo” que

engendra o leão, referido por São João da Cruz<sup>1</sup>, este animal solar representaria o orgulho, o apetite irascível e a força instintiva e descontrolada.

Assim, podemos considerar que serpentes, javalis/porcos e leões/galos, são animais que dão vida às reencarnações no Oriente; assim como dão vida aos penosos trabalhos do herói no Ocidente.

## O SEGUNDO CÍRCULO E O CAMINHO DO HERÓI

A Roda da Vida, em suma, descreve a evolução cíclica do tempo e as diferentes etapas que a existência atravessa continuamente no mundo da manifestação. Uma ilustração simbólica desta passagem entre vidas pode ser vista no segundo círculo de Samsara.



Segunda Roda de Samsara

Meio círculo com demônios e pessoas arrastadas para baixo com o fundo negro e meio círculo de pessoas ascendentes seguindo a orientação de um mestre, segurando o fio dourado da sabedoria atemporal que, por sua vez, os leva do Samsara

<sup>1</sup> Artigo “Simbolismo de... o leão”:  
<https://biblioteca.acropolis.org/simbolismo-de-el-leon/>

para o Nirvana. Este parece ser para o budismo, o processo pelo qual os seres encarnam no mundo.

A vida terrena, a existência no mundo manifestado, é caracterizada pela dor. Como Buda ensinaria através das Quatro Nobres Verdades, a dor vem do apego às coisas do mundo e é inerente à existência. Através do Nobre Caminho Óctuplo, liderado pela Reta Ação, o ser humano supera a dor e pode “sair” desta Roda, alcançando o Nirvana. Em termos práticos, a Reta Ação é uma ação sem esperar recompensas. Agindo de acordo com o justo meio; no ocidente, chamá-la-íamos de caminho da virtude; o cumprimento do dever, sugeririam os estoicos. Esta Reta ação que leva à superação da dor e ao Nirvana<sup>[1]</sup>, em última análise, é equivalente, pelo menos desde uma certa perspectiva, ao caminho do herói no ocidente.



Segundo círculo, escudo de Héracles

O herói é aquela personagem, aquele ser humano que coloca a sua vida ao serviço da Justiça e do Bem, para representar os deuses na Terra. Joseph Campbell explicou os diferentes casos de heróis através do que chamou de “Caminho do Herói”. Este é também um caminho circular, onde um ser humano, parado no ponto mais alto do círculo, entra num caminho inicialmente descendente, chega ao fundo de si mesmo, ao ponto mais baixo, e depois

retoma a subida, chegando novamente ao ponto de partida, mas transformado. O caminho é iniciado por um ser humano e concluído por um herói. O fim do caminho heróico, como Héracles mostra, é a apoteose, o reencontro com os deuses no Olimpo, tornando-se imortal e casado com Hebe, a deusa da “Eterna Juventude”.

### O TERCEIRO CÍRCULO OU OS SEIS REINOS DA EXISTÊNCIA

A maior parte da Roda da Vida é dedicada à representação dos seis reinos da existência ilusória. Cada uma destas partes representam diferentes níveis de existência; estados que são alcançados como consequências das nossas ações anteriores (Lei do Karma). Há três reinos inferiores e três superiores. Entre estes últimos encontramos, na posição mais alta, o reino dos Devas ou Deuses; seguido pelo reino dos Asuras ou Titãs e o dos humanos. Entre os três reinos mais baixos estão o dos animais, o dos fantasmas famintos, e o inferno na zona mais baixa, ou reino de tormentos, sofrimentos e raiva.



Reino dos Devas (parte superior); Reino dos Asuras (parte inferior)

No reino dos Devas observa-se um grupo de divindades reunidas na ponta de uma torre de base pentagonal, o que sugere a comparação com os

deuses olímpicos reunidos na parte mais alta da montanha luminosa, de acordo com Hesíodo, o que acontece no Escudo: “Ali estava o sagrado coro dos Imortais. No meio, tocava deliciosamente a cítara do Olimpo com forma de ouro o filho de Zeus e de Leto. Era o Olimpo, o lugar sagrado dos deuses. Ali havia uma praça e imensa felicidade presidia ao julgamento dos Imortais. Algumas deusas entoavam um canto, as Musas de Pieria, como se realmente cantassem a viva-voz.” (Escudo, 202-207).

Na sequência, os asuras, caracterizados, entre outros detalhes, por estarem em luta ativa e contínua contra os Devas. Isto faz lembrar os Titãs gregos ou os Gigantes da mitologia nórdica, que procuram destruir os deuses e asires, respectivamente; ou as antigas lutas entre asires e vanires entre os deuses vikings. Além disso, um asura está a cortar a árvore da felicidade, cujas raízes estão na terra dos semideuses, mas os frutos caem no reino dos devas. Esta cena recorda as maçãs douradas do Jardim das Hespérides na mitologia grega ou as maçãs que, dispensadas pelos vanires, na mitologia nórdica, tornam os asires imortais.

No reino dos seres humanos vemos animais a pastar, pessoas a cultivar, a arar e grupos a estudar ou meditar. A descrição do Escudo de Héracles termina com uma cidade em paz e canta: “*Nas proximidades havia uma cidade de homens bem murada; fechavam-na sete douradas portas equipadas com lintéis. Os seus homens desfrutavam entre festas e danças (...). Aqueles, por sua vez, avançavam divertindo-se ao ritmo do baile e do canto; as festas, os coros e o regozijo envolviam toda a cidade. Os agricultores lavravam a terra divina com as mangas arregaçadas; a colheita foi abundante. Alguns cortaram com as suas armas afiadas os caules que dobravam com o peso das espigas, como se tratasse realmente do fruto de Deméter (...)*” (Escudo, 271-313).

Logo se encontra, no Samsara, o reino dos animais onde podem ver-se cavalos, elefantes, veados, animais marinhos, entre outros. Hesíodo, por outro lado, relatar-nos-á uma série de animais que estão presentes no Escudo: leões, javalis, cobras por todo o lado, peixes e golfinhos.

Continuando, nos reinos inferiores estarão os espíritos famintos ou fantasmas (muito parecidos aos zômbis). Personagens com barrigas enormes, mas pescoços estreitos, que nunca podem ser completamente saciados; um reino de ganância e necessidades que nunca podem ser satisfeitas. Um reino de cores laranja, amarelo-escuro e vermelho, rodeado pelas chamas do desejo.

Além disso, o último reino, o mais baixo de Samsara, é o do inferno, onde o ódio e a raiva governam. Cores azuis, cinzentas e pretas cobrem este sector da vida. As pessoas são vistas a nadar em rios de gelo, pessoas envoltas em nuvens de fumo cinzento, rodeadas de confusão; personagens amarradas pelas mãos e pés e pessoas a queimarem-se em chamas; assim como outras a serem cozinhadas num caldo. Também vemos um grande demónio e os seus ajudantes.

Ao descrever o Escudo, Hesíodo menciona em diferentes ocasiões, diferentes cenas que permitem uma comparação com estes dois últimos mundos mencionados. Por um lado, encontramos uma cidade em guerra:



Escudo de Héracles, terceiro círculo

“Em cima delas combatiam homens com armas de guerra: uns pela sua cidade e os seus pais, tentando

afastar a ruína; outros ansiosos pela destruição. Muitos estavam mortos e muitos mais lutavam com obstinação. As mulheres, sobre sólidas muralhas de bronze, gritavam em viva-voz e arranhavam as faces como se estivessem vivas. Alguns homens, aqueles que eram idosos e tinham chegado à velhice, estavam num grupo fora dos portões com as mãos erguidas aos deuses abençoados, cheios de medo pelos seus filhos; eles, que, entretanto, faziam a guerra.

Atrás deles, roendo os seus dentes brancos, as sombrias Keres de olhar terrível, tremendas, sanguinárias e assustadoras, lutavam por aqueles que iam caindo. Todas se lançavam a beber o sangue negro; assim que apanhavam um já morto ou que caía recém ferido, atiravam sobre ele as unhas compridas (...).

Ao seu lado estava a Escuridão lamentável e terrível, pálido, negra e exausta pela fome, com os joelhos inchados; unhas tinha no final das suas mãos. Das narinas caía muco e o sangue escorria pelas faces até ao chão. Estava de pé com uma terrível carantonha, e uma grande quantidade de pó tinha acumulado nos seus ombros, molhado pelas lágrimas. (Escudo, 239-270).

Por outro lado, na história de Hesíodo encontraremos a presença fundamental de Eris, deusa da Discórdia, descendente da Noite e acompanhada por seres nefastos que incitam a destruição e o caos:

“(...) a horrível Eris esvoaçava incitando o tumulto dos guerreiros. Cruel, ela que arrebata a razão e a vontade dos homens que enfrentam na guerra o filho de Zeus [o herói Héracles]! As suas almas afundam-se na terra em direção à mansão de Hades; e os seus ossos, quando a pele que os cobre se decompõe, sob o ressentido Sírio apodrecem na terra negra.

Ali estavam esculpidas a Perseguição e o Contrataque. Ali também ardiam o Tumulto, a Matança e o Massacre. Ali se arrojavam Eris e a Desordem; e ali a funesta Ker, com um guerreiro vivo, recém ferido, e outro ileso, arrastava outro a duras penas por ambos os pés (...). (Escudo, 148-159).

## O QUARTO CÍRCULO, O DOS DOZE NIDANAS

O anel exterior divide-se em quatro segmentos e cada um deles representa uma fase do ciclo kármico que mantém os humanos presos em alguns dos seis reinos da existência cíclica. Diz-se que Buda achou que estes doze Nidanas eram como elos de uma cadeia circular, os quais, sem se poderem separar uns dos outros, dariam origem às encarnações mundanas. Como Platão refere na “Alegoria da Caverna”, estes Nidanas são elos das cadeias que mantêm o ser preso ao mundo das manifestações.



Doze Nidanas, Roda da Vida

Os elos que contêm a Samsara começam por um cego débil, simbolizando a ignorância até à realidade que sustenta a existência. A seguir vemos um oleiro que molda uma figura de barro, simbolizando as fantasias de tentar moldar o nosso gosto egoísta às interpretações da realidade. O terceiro elo é caracterizado por um macaco sobre uma árvore, que representa, numa chave, a mente que não está treinada. No quarto elo vemos uma jangada com pessoas, símbolo do ser e dos seus veículos no existir. O quinto elo apresenta uma casa com seis janelas, simbolizando os seis sentidos que, segundo o Budismo, possuímos para compreender a existência. O sexto elo é o contacto, um casal tendo relações íntimas. O sétimo representa as

sensações, simbolizada por uma flecha cravada num olho. O oitavo simboliza o apego, na forma de bebidas alcoólicas. A segurança será o nono e o décimo mostrando uma mulher grávida. O décimo primeiro elo representa uma mulher dando à luz e a cadeia finaliza com o envelhecimento e a morte.

Olhando para o ocidente, embora a descrição de Hesíodo sobre o escudo não o explicita diretamente, sabe-se que na tradição, Héracles, antes da sua consagração como herói e da sua chegada ao Olimpo, teve que realizar doze trabalhos. Estes trabalhos foram impostos por Hera, deusa do compromisso, para redimir o nosso herói e, no seu nome, ficou impresso este arquétipo, pois Héracles significa: “Pela Glória de Hera”. Estes duros e penosos labores são: matar o leão de Nemeia, a hidra de Lerna, capturar o javali de Erimanto e a corça de Cerineia, expulsar as aves do lago Estinfalo, domar o touro de Creta, limpar os estábulos de Augias, roubar as éguas de Diomedes, furtar o cinturão da amazona Hipólita, roubar o gado de Gérion, roubar as maçãs douradas do Jardim das Hespérides e raptar o cão tricéfalo de Hades, Cérbero.



Representação das doze instâncias do herói

Doze são os eslabões que agarram os seres à existência, libertar-se destas cadeias e superar esta etapa de manifestações cíclicas é o caminho para alcançar o Nirvana. Curiosamente, doze são

também os trabalhos que deve realizar o herói que aspira sentar-se junto dos deuses no Olimpo.

É importante que, quer no Budismo, quer nos heróis, não é a procura egoísta que os impulsiona a desenvolver-se como tal, mas sim a possibilidade de servir as leis cósmicas e colaborar com a Natureza no seu regresso ao centro.

Finalmente, o Escudo de Héracles está limitado por Oceano, o maior dos Titãs, o maior dos filhos de Gaia (terra) e Úrano (céu). O oceano enche todas as cavidades da terra e alcança até os lugares mais inatingíveis. O oceano nas tradições gregas, regido por Posídon, será o símbolo do desconhecido, do lugar onde reside o horizonte, aquela linha que se vê onde termina a nossa vista e que, por mais que tentemos nos aproximar, sempre se afasta aos nossos sentidos. Os humanos, para se converterem em heróis, devem entrar neste mundo desconhecido enfrentando numerosas provas, penetrando a inconsciência psicológica para ampliar a compreensão da Vida. Assim vemos em Héracles, que o atravessou para chegar ao Jardim das Hespérides ou Ulisses na Odisseia para regressar a Ítaca. O que limita a identidade do herói é o mundo desconhecido, que está por conhecer. O Oceano é o símbolo da aventura que o herói, com base no seu conhecimento e nas suas habilidades, será capaz de penetrar e esse é o seu limite .

## COMENTÁRIOS FINAIS

Retomando as palavras de Delia S .Guzmán: “ Na Índia, a palavra sâncrita “Samsara” serve para designar a “Roda da Vida” que gira constantemente, tocando por vezes o mundo manifestado e passando outros pontos pelo mundo subtil onde se encontram os que vulgarmente chamamos de mortos. Esta roda é movimentada pelas acções dos homens; como cada acção gera uma reacção, é impossível parar a rotação da vida e da morte, até que a consciência se eleve e promova acções inegoísticas, libertas de todos os desejos pessoais, generosos e serviciais para todos os seres. Então a roda parará ( ... )”.

A Roda da Vida é mantida desde o exterior pelo Senhor da Morte (Yama), com um rosto horrível, dentes caninos e cinco crânios que o coroam. Por outro lado, o Escudo está sustentado por Héracles, o herói. Talvez, numa reflexão profunda, o herói seja o Senhor da Morte, pois quem é cavaleiro, quem é guerreiro consagrado, senão aquele que triunfa sobre a matéria, triunfa sobre os ciclos ilusórios da morte e da vida. Logo que Héracles finaliza os seus trabalhos, alcança a luz pura e imortal do Olimpo e encontra um lugar entre os deuses. Assim como Buda, ao superar as provas que Devadatta lhe impôs, alcançou o Nirvana, a consciência plena, e ficou às suas portas esperando ver as costas do último homem atravessar. Um caminho do concreto ao subtil, do macabro ao sublime refletem o Escudo de Héracles e a Roda do Samsara. Este é o caminho do herói e é semelhante ao caminho do estado de Buda.

O que é a morte senão a ignorância, senão o desconhecimento do eterno. O que é a morte, senão a vontade adormecida na matéria, a espada na pedra que espera Artur, o rei-herói que a tire do seu repouso letárgico para que a luz brilhe novamente no mundo. Vida e morte são duas faces da mesma moeda, o herói consagra-se quando supera a morte, e além das mudanças da sua personalidade mantém a sua essência viva e desperta. Talvez por este motivo seja o herói aquele que sustém o Escudo, talvez pela mesma razão seja o Senhor da Morte aquele que sustenta a roda de Samsara.

Finalizando com as palavras do professor Livraga: “Eu creio que não voltamos a viver. Eu creio que continuamos a viver. Creio que dizer “voltamos a viver” seria como pensar que morremos em algum instante. Eu não creio na morte. A morte não existe; é um fantasma inventado para nos assustar. Nada morre. “Tudo se transforma. Tudo muda”.

O herói e o buda são então o SER humano Vivo, que pulsam no interior de cada pessoa esperando que a consciência comece gradualmente a realização dos trabalhos. E assim, despertar as virtudes, os valores intemporais e seguir o caminho da Reta Acção, pelos demais, por si mesmo e pela Natureza que assim o demanda.



Representação escultórica de Mitra, Museus Vaticanos

# Mitra e Varuna, os Senhores da Lei e da Verdade

Por José Ramos

Apesar de, ao longo dos séculos, os deuses Mitra e Varuna terem perdido relevância na tradição religiosa da Índia, eles foram deuses e conceitos importantíssimos dos antigos ensinamentos védicos e inspiraram a busca da Verdade e a manutenção de um caminho harmonioso para a humanidade, baseado nos mais elevados valores de fidelidade, esforço, coragem e fraternidade. Mitra e Varuna são como deuses gémeos, sempre

juntos, as leis do Universo que guardam a justiça e a verdade.

A raiz dos seus nomes, a partir do sânscrito, revelam a sua natureza: Mitra significa “um aliado” ou “amigo”, e Varuna parece derivar de “Var”, que significa ligar, aquele que une. Mitra e Varuna são descritos nos Veda como os dois nobres (Aryas) Asuras (ou senhores) dos Devas (Devanam asura).



Mitra a dar morte a um touro. Salão dos Animais, Museu Pio Clementino. Licença Creative Commons

O termo Asura, apesar de num período posterior, devido à perda do sentido profundo, se relacionar com os demónios, em tempos remotos da Índia, era aplicado ao Espírito Supremo, significando o termo “aquele que controla a respiração ou a vida”, o Senhor da Vida e, por isso, muito especialmente aplicado a Varuna, o omnisciente Asura (*asura prachetah* – RV 1.124.14), “o Rei Universal” (RV 8.42.1).

*“Eu sou o rei Varuna; esses poderes (Asurya) foram dados a mim pela primeira vez”*  
(RV 4.42.2)

Em tempos antigos, Varuna possuía um lugar de destaque entre os deuses védicos, aclamado como o maior Deus, Asuramahat, até ao momento em que o Deus Indra assumirá destaque. O Rig Veda (7.83.9) compara-os: “Indra protege do inimigo externo; Varuna protege e defende a ordem moral (Rta)”.

Varuna é “Risadasam”, o destruidor de inimigos (RV 1.2.7), “Tuvijata Uruksaya”, o poderoso (RV 1.2.9). Como Asuramahat, possui a totalidade dos poderes divinos (*asuratvam*) e é Mahat, “O Grande”, a Inteligência Cósmica. Por isso, é considerado o soberano que criou o Universo, estabeleceu a ordem cósmica e governa os planos físicos, morais e espirituais.

Varuna, como Monarca Universal, é Rei de todos os deuses, deus da luz celestial; governante da ordem cósmica, Rta; guardião e suporte da rectidão, Dharma; o juiz severo, mas misericordioso, que julga todos os homens e pune os malffeitos; o curandeiro com mil remédios; o omnipresente e omnisciente; o vidente por excelência; o mais sábio; o controlador dos destinos da humanidade; aquele que forja a relação mágica entre Deus e os homens; o rei das águas.



Escultura de Váruna no templo Rajarani em Orissa Índia

A realeza de Mitra-Varuna encontra-se na preservação da Verdade. No hino védico de Madhucchandas, dirigido a Mitra e a Varuna, apela-se a estes deuses que ajudem a encontrar a força e o discernimento interior para procurar a Verdade: “Eu invoco Mitra, o do discernimento purificado, e Varuna, o destruidor dos nossos inimigos, para que realizem um luminoso entendimento”. Existem dois obstáculos que impedem a mente de ser um espelho perfeito e luminoso da Verdade: primeiro, a impureza do discernimento que leva à confusão da verdade e, em segundo, as muitas causas ou influências que interferem com o desenvolvimento da verdade que impedem a sua objectivação ou prática na vida. Mitra e Varuna são a expressão da vontade, a força do sacrifício interior guiado por um discernimento purificado, livre dos impedimentos do ego. São eles que lutam pela Verdade através das suas faculdades de visão, discernimento, inspiração e intuição.

Nos Brahmanas (obra de comentário aos Vedas), Varuna aparece como Senhor da Verdade e como

aquele que envolve toda a existência. É a Lei em toda a existência e, por isso, também aquele que une todos os seres e estes a Deus. A cor que lhe corresponde é o preto, associado à verdadeira Luz, a luz espiritual da qual a luz visível é apenas o seu corpo ou reflexo, que se encontra detrás de toda a manifestação e que guarda a sua ordem. É a escuridão ou a “claridade absoluta” escondida detrás da não-forma das águas primordiais, tudo envolvendo, onde não existia dia nem noite, nem ainda qualquer diferenciação.

Mitra-Varuna representa Vénus, a luz espiritual que nunca se ausenta da vida do homem. Como estrela da manhã que anuncia o Sol, aparece como Mitra, e como estrela vespertina, que não deixa o céu sem luz, é Varuna. Como Senhor da Luz, Mitra-Varuna leva luz à vida, permitindo identificar os erros e impedir a queda no abismo moral.

Varuna aparece por vezes como filho de Aditi, a Grande Mãe, e é o chefe dos Adityas, guardião do oeste (sol poente), representando o “lado obscuro do Sol”, ou o vigilante da noite, pois a fidelidade à Lei não pode residir apenas no plano visível. Mesmo quando ninguém observa, quando não se torna visível a acção, a justiça está lá. Não vigia apenas as nossas acções mas também os nossos pensamentos.

Varuna encontrava-se ligado a Soma, a bebida dos deuses e da imortalidade, e por seu intermédio à Lua como reflector da luz divina do Logos.

Mitra conecta-se com o valor da harmonia e integridade da verdade, princípios que são os garantes da manutenção de relacionamentos fortes. Assim abrangia as relações comerciais e os contratos, tal como das amizades, relações sociais, etc. que permitem uma vida pacífica em justiça.

Nos textos védicos, Mitra é o Deus que protegeu o Sol, Deus da Verdade, aquele que remove a “inverdade”, Senhor da luz que destrói a obscuridade. Mitra é o olho que vê tudo como um todo, o olho que vê o mesmo Ser em todos os seres e que impulsiona todo o pacto da alma para um novo nascimento da consciência.

Mitra surge como deus da Amizade através da integridade da verdade e dos juramentos que permitem manter laços fortes, sendo muitas vezes apresentado como intermediário entre os homens e os deuses, o mais grandioso dos pactos.

A oração védica *upasthana*, recitada ao nascer do Sol, é dirigida a Mitra e diz:

*“Ó Deus! Em busca de Ti, deixamos para trás o reino físico eterno, para meditar numa entidade ainda maior, a nossa alma. Alcançamos a luz mais ditosa e luminosa, o iluminador de todas as coisas, até mesmo da glória resplandecente do Sol, que é a maior de todas. Todas as coisas deste mundo agem como sinais para nos conduzir à divindade, o conhecedor de todas as coisas, o possuidor de todos os poderes destrutivos e sustentadores. Certamente esse é o caminho correcto para a compreensão deste universo.”*

Mitra é o Senhor das vastas pastagens, que tem mil orelhas e dez mil olhos. É testemunha da Verdade e vê em toda a parte olhando em profundidade as coisas, sempre desperto sem nunca adormecer, cuida do seu “rebanho”, a humanidade.

Mitra-Varuna encontra-se unido ao conceito de Rta, princípio de integridade de todas as formas e unidade da Vida. Deriva da raíz “Ri”, que significa mover, e é o princípio dinâmico inerente ao Universo. É por Rta que as estrelas e planetas se movem, as estações se sucedem, as águas fluem, nasce-se, cresce-se, envelhece-se, morre-se... e se renasce. É a estrutura que une o homem, a natureza e Deus. De certo modo, é o Dharma, a Ordem, que interpenetra e protege toda a existência. No Atharva Veda diz-se: “Tu és Varuna, o guardião do Dharma” (AV 6.132). Rta é por um lado a ordem do Universo, mas também é a ordem moral. É a expressão objectiva de Satya, a Verdade Absoluta. Quando a harmonia é quebrada pelo caos e falsidade (Anrta) traz consigo a desonestidade, falsidade, fealdade e a decadência.



Os Deuses das 8 direções

O pecado reside assim em qualquer acção desarmónica impregnada de avareza e egoísmo, ferindo a harmonia na natureza e no homem. Aí surge Varuna lutando contra os demónios que são o mal no coração e nas mentes humanas, surgidos das suas fragilidades e fraquezas. A punição de Varuna é um modo de purificação, não por meio de rituais, mas sim colocando o homem face a face com os seus erros, de modo que, reconhecendo-os, os possa remover do seu coração e da sua mente, restabelecendo assim a beleza da sua harmonia.

interior. O único perdão concedido por Varuna é o da correção e da não repetição do erro. Varuna é misericordioso com aqueles que transgridem as leis por ignorância ou imprudência, concedendo graças ao penitente que juramenta não ceder novamente às forças malévolas e assim não pecar novamente.

Assim, o palácio de Varuna possui mil portas para que seja acessível a toda a humanidade, já que são muitos os caminhos que podem conduzir o homem à Verdade.

Varuna monta Makara, o monstro quimérico de características reptilianas. Numa chave, Makara é a matriz do caos, o não manifestado, por outro lado, ele gera o tempo no sentido da dissolução, a natureza cíclica. Varuna é, pois, aquele que dirige e põe ao seu serviço o plano material, não o destruindo, mas “domesticando-o”, colocando-o ao seu serviço.

Como uma das mais antigas divindades dos Vedas, Varuna aparece como aquele que abrange o mundo inteiro, não tendo sido criado nem nascido, que existia antes da criação e que se manifestou com o despertar do mundo. É intrínseco à natureza Divina, esteja o Universo em estado de Pralaya (imanifestado) ou no seu Manvatara (manifestação).

No Rig Veda, são muitos os epítetos que celebram a glória de Varuna: o Grande (*Mahat*); o vasto (*brahat*); o poderoso (*bhuri*); o imenso (*prabhuti*); a morada da vida (*visvayu*); o conhecedor (*vidvas*); o sábio (*medha*); o inteligente (*dhira*); o inspirado (*vipra*); o vidente (*kavi*); o grande poeta (*kavitarā*).

Sendo quatro as principais funções de Varuna que aí aparecem: Monarca universal e Senhor do Céu; Mantém a Ordem Cósmica (Rta); Relação com as águas (*apas*); e como divindade omnisciente que vigia as acções humanas.

Os atributos e funções de Varuna realçam o seu carácter de elevação moral, sendo o seu culto e ritos não baseados na busca de quaisquer benefícios ou dádivas, mas na purificação do coração e na libertação dos erros com confissão da culpa e arrependimento, procurando o discernimento

para não se voltar a errar. Os hinos a Varuna são de uma elevada exaltação do seu esplendor e da sua misericórdia, pois apesar de criar pavor no culpado ele é compassivo para o virtuoso.

A devoção a Varuna é a aspiração à morada da Verdade que não é assombrada pelo temor da morte, as orações são-lhe dirigidas para que guie ao longo do caminho até à Verdade, sendo conduzidos da mortalidade à imortalidade, da inverdade à verdade.

Varuna aparece no Yajur Veda como o Grande Médico (*maha-bheshaja*) e Senhor dos Médicos (*varunam heshajam patim*), pois a sua função é restabelecer a harmonia, fonte de toda a saúde do corpo e da alma.

No Rig Veda, Varuna surge como o deus mais resplandecente, de pele azul-celeste radiante, com Agni (o Fogo) no seu rosto e Surya (o Sol) nos seus olhos. Tem as mãos macias e belas, segurando nelas um lótus e um laço, estando adornado com um manto dourado.

Diz-se que o seu laço (*Pasa*), feito de uma serpente, serve para segurar aqueles que pecam de modo a não se perderem e se poderem corrigir. O laço é triplo, conhecido como a tríplice miséria (*tapatraya*) e que restringe o homem nos seus 3 planos: físico, psíquico e mental. Mas ele é também o laço da força do Amor divino que mantém as almas unidas a deus, ou o que mantém a consciência humana unida ao seu princípio divino através da moral.

O lótus que leva na sua mão, flor mística por excelência da Índia e um pouco por todo o oriente, possui um vasto e rico simbolismo, mas destacamos os aspectos que mais se relacionam com o tema. Assim, as águas sob as quais cresce, representam o mundo inferior, enquanto que as suas folhas representam a Terra (ou manifestação) emergente desse mundo e onde a vida se desenrola, da qual surge a flor de lótus, símbolo do divino que culmina o processo evolutivo. É nesse sentido que o lótus está associado a Varuna, como aquele que faz emergir a Vida das águas primordiais e zela atentamente para que o lótus com os seus perfumes de virtudes desperte em cada ser.



Deus Varuna. Domínio Públco

Outro símbolo bastante interessante ao qual está ligado Varuna é a Árvore invertida com as suas raízes no céu. Ele é as raízes dessa árvore da vida, a fonte de toda a criação, tendo a árvore brotado do umbigo de Varuna.

Como já vimos anteriormente, Varuna aparece descrito como tendo milhares de olhos (as

estrelas, símbolos dos arquétipos), que distribui bônícias e punições (Karma) de acordo com as ações mais ou menos ajustadas à Lei (Dharma). Mais tarde, na Índia, esses aspectos serão assumidos pelos filhos de Surya (o Sol), Yama, o deus da morte, associado ao Karma e à sua irmã gémea, Shani ou Yami, que se encontra relacionada com o Dharma.

Varuna é a luz da sabedoria que encontra o mal, é a luz do discernimento que permite diferenciar, julgar e determinar. Ele ama o Ser em cada um e por isso remove tudo o que lhe pode causar dano, é por isso também denominado de “removedor de obstáculos”

O cavalo (*asva*) encontra-se ligado a Varuna, pois o cavalo é símbolo solar, do vigor, velocidade e majestade, simbolizando o rei e a realeza. Desta relação, e sendo Varuna símbolo da realeza e da defesa da lei que permite manter a ordem social, qualquer *Rajasuya* (cerimónia de consagração de um rei) era dedicada a Varuna.

É pela vontade do desejo de Varuna e através da sua sabedoria (*Maya*) que as formas (*Murtha*) surgem do mundo ou matéria indiferenciada (*a-Murtha*). Nesse sentido, ele é um criador, pois o mundo nasce da sua mente divina (*Manas*), é *karana-Brahman*, “Brahman com desejo de criar”. Neste mesmo sentido, Varuna aparece também como a vontade de *Purusha*, a vontade que cria o mundo desde *Prakriti* (matéria primordial).

*“O poder de Varuna é tão grande que nem os pássaros, enquanto voam, nem os rios, enquanto fluem, podem atingir o limite de seu domínio, o seu poder e a sua ira (RV 1.24.9)... Ele abraça o Todo e as moradas de todos seres (RV 8.41.1-2). Ele é encontrado até mesmo na menor gota d'água. Varuna é omnisciente. Ele conhece o voo de todos os pássaros no céu, o caminho dos navios no oceano, o curso do vento longínquo que viaja e contempla todas as coisas secretas que foram ou serão feitas (RV 1.25.7-11) ... Nenhuma pode escapar da vista de Varuna, pois os seus espiões, sempre trabalhando, têm milhares de olhos e olham para todas as três regiões... Ele testemunha a verdade e a falsidade dos homens (RV 7.49.3). Ele conhece todos os movimentos secretos dos homens... Se um homem anda, se senta, dorme, sonha; se duas pessoas se aconselham, Varuna está sempre presente ali como a terceira pessoa.... Nenhuma criatura pode piscar o olho sem a sua presença (RV 2.28.6). O piscar dos olhos dos homens são todos contados por Varuna, e tudo o que o homem faz, pensa ou inventa, Varuna sabe. (AV 4.16.4-5 ). As suas armadilhas estendem-se por três vezes sete vezes.”*

No Rig Veda, Varuna aparece também em relação com as águas primordiais, a matriz da vida universal que é fonte de todas as possibilidades de manifestações universais. Varuna é descrito (RV 8.41.8) como “o oceano escondido” (*samudro apicyah*).

É referido como *Apam-adhipathi*, “o Senhor que Reside nas Águas Primordiais”, outras vezes é chamado de *Apam Shishu*, “filho das águas”, das águas matriciais, *Apas*, essas águas são descritas como de tonalidade dourada, puras e purificadoras.

A ligação de Varuna, por um lado, ao Fogo e, por outro, à Água, demonstra possuir o princípio purificador da Vida.

O facto de reinar sobre as águas, sendo uma divindade do Fogo, faz que seja também nomeado como *Apam Napat* (*Apam* = Água; *Napat* = Neto), significando esta expressão o embrião das águas ou Neto das Águas, que também é utilizada para a divindade *Agni* (Fogo). Talvez que o seu significado se refira ao Raio (*Fohat*) como poder criador e impulso de vida que une toda a manifestação. Através da definição de *Fohat* por H. P. Blavatsky, no Glossário Teosófico, podemos encontrar facilmente as características que temos vindo a ver sobre Varuna:

*“[Fohat] Termo empregue para representar a potência activa (masculina) da *Shakti* (potência reprodutora feminina)” na Natureza. A essência da electricidade cósmica. [...] Fohat é uma coisa no Universo ainda não-manifestado e outra coisa no mundo fenomenal e cósmico. No primeiro, é uma ideia abstracta, contudo, não produz nada por si só, é simplesmente o poder criador potencial, através de cuja acção o número de todos os fenómenos futuros se divide, por assim dizer, para se reunir num acto místico supersensível e emitir o Raio Criador. No segundo, é o oculto poder electrovital personificado que, sob a vontade do Logos Criador, une e combina todas as formas, dando-lhes o primeiro impulso, que com o tempo, se converte em Lei; a força activa na Vida Universal, o princípio animador que electriza cada átomo, fazendo-o entrar na vida; a eminente unidade que enlaça todas as energias cósmicas tanto nos*

*planos invisíveis quanto nos manifestados. Penetrando no seio da substância inerte, impulsiona-a para a actividade e guia as suas diferenciações primárias nos sete planos da Consciência cósmica. Actua sobre a substância manifestada ou Elemento único e, diferenciando-o em vários centros de energia, põe em acção a Lei de Evolução Cósmica que, obediente à ideação da Mente Universal, faz brotar todos os diversos estados do Ser no sistema solar manifestado. É o laço misterioso que une os Espírito com a Matéria, o Sujeito com o Objecto; a “ponte” através da qual as ideias existentes no Pensamento Divino são impressas na Substância Cósmica, como Leis da Natureza. Assim, pois, o Fohat é a energia dinâmica da Ideação Cósmica ou, considerado de outro ponto de vista, é o meio inteligente, a potência directora de toda a manifestação, o Pensamento Divino transmitido e manifestado através do Dhyân Chohan, os Arquétipos do mundo visível. Na sua qualidade de Amor divino (Eros), o poder eléctrico de afinidade e simpatia, Fohat é representado alegoricamente procurando unir o Espírito puro, o Raio inseparável do Absoluto, com a Alma, constituindo ambos a Monada, no homem, e, na Natureza, o primeiro elo entre o sempre incondicionado e o manifestado. [...]”*

Mitra e Varuna possuem uma ampla significação, cujas palavras para os caracterizar são pobres, face às dimensões simbólicas a que estão associados e que abrem caminho na nossa alma para o entendimento dessa ordem universal que permite que nenhuma forma de vida se perca no seu caminho em direcção à Verdade. São como uma mão forte, ou como diriam os egípcios, uma garra da leoa protectora Sekhmet, que permite resgatar com amor e firmeza os seus filhos da beira do precipício. Que as garras doem?! Sim, não por quererem criar dano, mas sim por causa da cegueira da nossa ignorância que nos leva ao perigo da proximidade da “morte” da nossa alma. Com uma força de Amor imensurável, Deus, o Mistério ou o nome que lhe queiramos dar, está presente no interior de todas as formas, de todos os seus filhos, impulsionando-os à vitória da Verdade, da luz, sobre a escuridão de qualquer sombra onde essa luz ainda não chegou. Luz é nascimento, impulso, companheira e finalidade da senda da existência.

Como dizem os hinos védicos, que Mitra-Varuna sempre nos ajudem a ver com claridade os erros e darem-nos a força para os corrigir, irradiando a sua luz para que os nossos olhos possam ter uma visão sempre presente e luminosa sobre a Verdade que se encontra detrás de uma das Mil Portas do palácio de Varuna.



# A Guerra nos Vedas

Por F. Javier Saura Vilchez

“Agni fará de mim um ser atento e brilhante.”

Atharva Veda

Quando Agni aparece num navio de guerra, vestido como um militar, está em relação com Karttikeya, sendo o Pai dos Kshatriyas (a casta dos governantes militares). Por isso, os Kshatriyas recebem o nome de Agnibhu: os filhos do fogo, aqueles que afastam a neve e a escuridão.

J.A. Livraga

## OS VEDAS E OS ARIANOS

Os Vedas são os textos sagrados mais importantes dos povos ários, indo-arianos ou indo-europeus, como prefiram chamar-lhes, ainda que o seu nome original seja ário. São a base de todo o desenvolvimento filosófico da cultura Ocidental europeia. Deles, beberam os Gregos e os Romanos, Zoroastro e Manes, o império persa e a religião celta...

Hoje, a palavra ariano está relacionada com Hitler e com a Alemanha dos princípios do séc. XX, enquanto sinônimo de supremacia racial “branca” ou caucasiana, em detrimento de outras raças ou etnias. Como tantas coisas mal utilizadas por toda a parte, sobretudo nos séculos XIX e XX, esta palavra, “ariano”, é uma delas. Estes dois últimos séculos são caracterizados por um excessivo materialismo: proeminência, em muitos casos absoluta, da matéria e da obtenção de bens materiais sobre qualquer outra forma de valores, em especial sobre os espirituais.

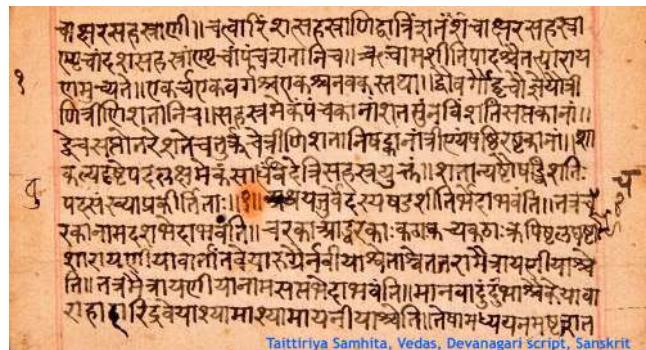
Em sânscrito, ariano significa “guerreiro nobre”, que nada tem que ver com a cor da pele, mas sim com a **atitude mental perante a vida**; os arianos são um conjunto de povos tão diversos quanto a Índia e a Europa, os Iranianos (“O país dos arianos”) os Hititas, os Incas e os Maias... e cujo primeiro foco civilizatório se desenvolveu na Índia, concretamente, na Cordilheira Pamir, irradiando daí para outras terras.

Helena P. Blavatsky, na sua *Doutrina Secreta*, disse que os arianos surgem depois do afundamento da Atlântida e que têm uma característica comum: **a vida concebe-se como uma luta, um combate permanente do espírito sobre a matéria e, por sua vez, pela sobrevivência**, dadas as condições tão precárias com que tiveram de progredir.

## OS VEDAS

São muito mais do que literaturas sagradas, são a PALAVRA SAGRADA, a SABEDORIA DA VERDADE: uma concepção do mundo que proporciona um

sentido enorme de *espiritualidade*. Como assinalava o grande sábio do passado séc. XX, Sri Ram, a **espiritualidade nada tem que ver com que se reze de uma forma ou de outra, num templo ou noutro, pois a espiritualidade é uma atitude interior que cada qual irá alcançar por si mesmo e que terá reflexo no amor ao próximo e no amor à verdade.**



Folhas samhita dos Vedas, fechadas entre 1500 e 1000 a.C.  
Licencia Creative Commons.

Diz o professor Jorge A. Livraga: “Os Vedas não são uma obra individual, também não são uma compilação de vários autores. Na verdade, os Vedas, são uma acumulação de dados, de ensinamentos, de argumentos filosóficos, compilados ao longo de milhares de anos por pessoas que, provavelmente, nunca se conheceram. O conjunto destes ensinamentos constituíram os Vedas.” Ensinados inicialmente de forma oral durante milhares de anos, diz-se que foram recompilados por um grande sábio, Vyasa, por volta de 3200 a.C.

De forma sintética, diremos que os Vedas são quatro: Rig Veda, Yajur Veda, Sama Veda e Atharva Veda, mas outra série de textos destacam-se como as Upanishads, comentários muito metafísicos e filosóficos, e os Épicos: escritos simbólicos e alegóricos que descrevem os poderes e os feitos dos Deuses, parecem ter sido compostos pela parte menos instruída do país, a que não sabia ler os Vedas. Os grandes Épicos são o Mahabharata (A Grande Guerra) e o Ramayana (A Epopeia de Rama).

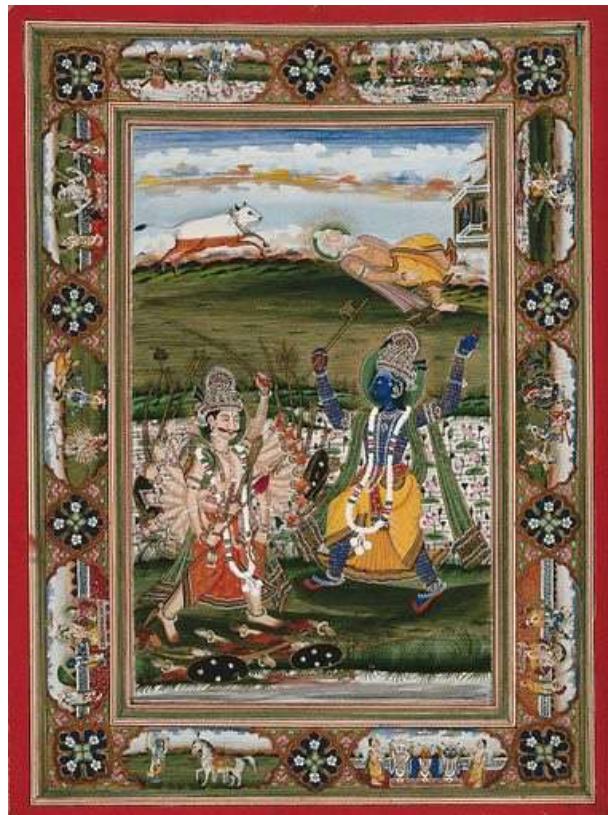
Nos Vedas está a raiz de todas as religiões e mitos, e as Upanishads abarcam praticamente todo o saber filosófico humano. Não conhecemos deles a sua parte interna e mistérica, apenas a externa ou religiosa.

## OS GUERREIROS KSHATRYAS NA ÉPOCA VÉDICA

Originalmente eram três as castas da Índia védica: Kshatryas, Vaishyas e Shudras. Os Brahmanes ainda não existiam e surgiram muito depois, quando os ensinamentos originais foram corrompidos: eles surgem, então, com a exclusividade da interpretação da lei Divina. Nascem assim os intermediários que têm A Verdade e que te dirão o que tens de fazer; e morre o trabalho e o esforço pessoal de vencer-se a si mesmo com o apoio das indicações do mestre!

Os kshatryas são, por vezes, reis e príncipes, governantes, sábios, médicos de almas e guerreiros. Na saga do Rei Artur, seria o Rei Artur e o mago Merlim unidos numa só pessoa. O professor Livraga recolhe do professor Cowel o seguinte texto: “Os grandes Mestres da Sabedoria Superior, ou seja, os entendidos no Gupta Vidya, e os brahmanes, são continuamente representados a dirigirem-se aos reis Kshatriyas para que se converterem em discípulos seus.”

**A minha visão pessoal sobre este tema:** Na sua origem, as castas não eram hereditárias, mas sim adaptações ao nível da consciência de cada um. Baseavam-se no que se conhece por Três Gunas: Sattva; Rajas; e Tamas. Correspondendo Sattva ao equilíbrio harmônico (entre a mente e a ação), os Kshatryas, Rajas, ou domínio da atividade (mental), aos comerciantes, e Tamas, o predomínio da inércia ou passividade (somente atividade), aos agricultores e artesãos.



Vishnu na sua encarnação como Parasurama, um Brahman (sacerdote) em batalha com Kartavirya, um rei Kshatriya, para demonstrar a supremacia dos brahmanes sobre os Kshatriyas (reis e guerreiros). Licença Creative Commons.

## AGNIBHU, OS FILHOS DE AGNI, DEUS DO FOGO

Recolhido do Professor Livraga:

Na realidade, há apenas um só Deus, AGNI, o Deus do Fogo, o primeiro que aparece no Rig Veda. Todos os demais deuses e deusas serão diferentes expressões suas.

AGNI era, originalmente, uma divindade muito esotérica que representava o Fogo Primordial que colocou em marcha a obra de Parabrahman, quer isto dizer que reunia as condições básicas de luz, calor, eletricidade (ou seja, Kundalini, Prana e Fohat) e era o Senhor do Gupta Vidya, do Ensinamento Secreto. Posteriormente, este sentido esotérico foi-se perdendo e apareceram os outros deuses ou formas de Agni.

### As formas de Agni e os **Vedas**

No céu, chama-se Sol (**SURYA**); na atmosfera e na energia que rodeia todo o espaço, chama-se **VAYU** (o Raio), na terra chama-se Fogo.

Também, em determinado caso, significa **o Homem Celeste que se sacrifica pela Humanidade**, desta forma significa: **o calor, a vida, o alimento, a parte física e, por excelência, o espiritual**.

Quando Agni aparece no navio de guerra, vestido de militar, relaciona-se com **KARTTIKEYA**, sendo o Pai dos Kshatriyas (a casta dos governantes-militares). Por isso, os Kshatriyas chamam-se **Agnibhu**: os Filhos do Fogo, aqueles que afastam a neve e a escuridão.

Uma descrição de Agni no Atharva Veda:

«No céu está o Sol, no ar está o raio, na terra está o fogo, mas Matarishvan tem a faculdade divina de se expandir dentro da mãe de todas as coisas (a Mãe do Mundo).

*Agni é a vontade divina que governa e que nos guia, que sabe o significado da nossa cegueira, que conhece o objetivo da nossa aberração e que, do tortuoso jogo da falsidade cósmica que existe em nós, retira a manifestação progressiva da verdade cósmica!»*

*Agni fará de mim um ser atento e brilhante!»*

### Agni como INDRA

Deus do Firmamento, é o Rei de todos os Deuses siderais e construiu o Mundo, missão que foi destacada por outros Deuses. Ele carrega nas mãos um feixe de raios que agarra e atira com a mão direita.

Os comentários védicos dizem que ele teve de matar o demónio VRITRA (Deus que representa a seca física e espiritual).



Indra e Indrani védicos do século 12 no templo hindu Shaivism  
Hoysaleswara, artes Halebidu Karnataka Índia.  
Licencia Creative Commons..

Indra transforma-se em **SURYA**, o Sol, assumindo dois nomes diferentes, sendo um deles **VISHNU** (**O que mata os inimigos dos Deuses**). Rama e Krishna, personagens centrais do Ramayana e do Mahabharata, respectivamente, são os Avatares, ou reencarnações espirituais de Vishnu.

## Agni como MITRA e VARUNA

O Rishi Vasushruta diz:

*«Ó Agni, quando tu nasces és Varuna; quando estás perfeitamente iluminado, és Mitra.»* MITRA é o Amor, a Luz e a Harmonia do Sol. Fundamentalmente, é SATTVA (a qualidade da Harmonia). VARUNA representa o Pralaya, a Noite Cósmica, durante a qual ele se mantém único, atento e vigilante, guardando o coração adormecido do Cosmos. Aparece como um guerreiro que vigia um coração de diamante que está adormecido nas trevas; é o homem, o Guardião da Verdade, a Consciência Interior.

## O ESPÍRITO ATEMPORAL DO KSHATRYA

Kshatrya significa “aquele que alivia a dor dos que sofrem.” E o maior sofrimento, como já vimos, é o da nossa Alma imortal presa na inconsciência dos desejos.

### 1. O ideal que move o Kshatrya é o CUMPRIMENTO DO DHARMA.

No início de tudo está Parabrahman, o Deus Uno, o senhor dos senhores, de cuja Mente surgirá o Universo como um Projecto de Evolução e não como um acto caprichoso. Ele está para além de todos os conhecidos e todas as almas descansam no seu seio. Para poder tomar consciência da sua própria imortalidade e da sua união essencial com o Todo (Parabrahman), as Almas terão de encarnar e passar pelas provas da existência física, da mesma forma com que, para sermos adultos, temos que passar pelo nascimento, pela infância e pela juventude.

O DHARMA é a Lei Universal que procede do Deus Uno. O Dharma é estar neste mundo, na base da própria natureza divina, ser o que realmente devemos ser: atuar como seres humanos, como

gente e não como brutos, nem como coisas. Este é o grande ideal da Filosofia de todos os tempos: **ser-se natural**. Quem atua conforme o Dharma encontra a sua própria identidade e é uno com Parabrahman, pois a sua Alma imortal terá tomado a plena consciência dela mesma e vive-a! Sri Ram define-o como alcançar a verdade e plasmá-la, corporizá-la em nós mesmos: nós seríamos a verdade viva em todos os nossos atos, físicos, psicológicos e mentais, seguiríamos segundo a verdade e segundo o Dharma. Porque sabedoria é viver o Dharma: é VIVER A VERDADE.

No Atharva Veda, relaciona-se o processo de entrada do Espírito Puro (Purusha, em sânscrito) da divindade na matéria (Prakriti) para dar origem ao Cosmos, ou Universo - a união do espírito e da matéria - com o processo da encarnação das Almas humanas: para poder encarnar numa forma material, a nossa Alma tem que perder parte do seu brilho original. Já encarnados, temos de superar as provas da vida empregando a nossa luz espiritual e criando com ela “uma coroa de espinhos” (a dor como veículo de consciência, da nossa própria dor e da dor da Humanidade) para poder recuperar toda a nossa luz espiritual e nos elevarmos até Parabrahman.

Esse estado de recuperar o que realmente somos, toda a nossa luz espiritual, é o que conhecemos como “iniciação” ou “ser-se Sábio”. Nos Vedas diz-se que quem alcança este estado é “Aquele que conseguiu recuperar o brilho de todos os seus raios de luz”.

Como a força do Dharma (que é a expressão de Parabrahman) é o AMOR UNIVERSAL, Kshatrya significa “Aquele que alivia a dor daqueles que sofrem”. Se refletirmos sobre isto, veremos que para “aliviar a dor daqueles que sofrem” não chega o “querer” ou o terem-se boas intenções! Há que “poder” levá-lo à ação! Há que preparar-se, FORMAR-SE DE VERDADE!



Krishna e as Donzelas Kshatriya vão para Dvaraka: página de uma série do Bhagavata Purana

A COMPÁIXÃO adquire grande importância para o Kshatrya. Na Katha Upanishad, o príncipe Nachiketa irrita o seu pai, o rei, e este envia-o com Yama, o Deus da morte; rapidamente o rei se arrepende, mas a ordem já estava dada. Quando Nachiketa chega ao reino de Yama, é impedido de entrar porque o Deus está ausente durante três dias; no seu regresso, o Deus Yama concede-lhe três desejos pela cortesia dos seus servidores. O primeiro desejo de Nachiketa é que perdoe o seu pai por este acto.

Assinalar que Yama é, de certa forma, o Dharmá, pois a morte dá-nos a cada um o que nos corresponde segundo os méritos ou deméritos, sem se importar com a nossa condição social, raça, sexo ou crenças.

No Mahabharata, o primogénito dos príncipes Pandavas é o filho de Yama, o filho do Dharmá, e por sua vez Arjuna, o grande protagonista, é o deus Agni quem lhe entrega o arco mágico *gandiva*, cujo alvo nunca falha; Arjuna é também o discípulo predileto de Krishna.

O Amor como FIDELIDADE aparece nas Epopeias e na figura da Hanuman, o grande rei macaco que serve fielmente Rama na sua luta contra os demónios, a ponto de ter escrito com fogo e ouro a palavra RAMA no seu coração. E Arjuna, com a sua devoção a Krishna, quando lhe diz que a vida e o possuir do reino dos deuses nada valem se há que combater contra o seu Mestre.

## 2. E assim chegamos ao segundo grande princípio que move o Kshatrya: ATUAR POR DEVER: A RETA AÇÃO

Sri Ram define a Sabedoria como a **Verdade em ação**. Não é um presente, mas o fruto de uma conquista interior. O próprio Buda, que era Kshatrya, ensina que “a Libertaçāo não se mendiga, toma-se de assalto como aquele que conquista uma fortaleza”.

Em várias Upanishads se fala do ser humano como o viajante de um carro que o há-de levar ao seu destino final: o despertar do seu Eu imortal e o reconhecimento do espírito imortal que mora no seio de todos os seres e que provém de Deus, Parabrahman, ou como preferirmos chamá-lo. Neste carro os cavalos são as paixões e a mente as rédeas; se soltas os cavalos, eles vão por onde querem, se estiverem muito presas, não avançam ou fazem-no mal e de uma forma rígida.

Alguns conselhos do Mahabharata para gerir bem as nossas rédeas (aparecem na Bhagavad Gita, texto central desta obra): Atua com a mente definida no Supremo e pensando no bem-estar da humanidade; a ação por dever (o Dharma) conduz diretamente ao Supremo (a Libertaçāo); tenta fazer o melhor que sabes e começa com o que está à tua frente; faz a tua parte e não interferiras com a dos outros, porque o karma dos outros está cheio de perigos; se fazes com consciência o que se espera de ti não tardarão em dar-te coisas com mais responsabilidade; lança-te para o meio da batalha, combate o melhor que sabes e deixa o resultado final nas mãos do Supremo; a morte não existe e é uma ilusão porque a Alma imortal não nasce e não morre, sempre foi, é e será, numa palavra: É REAL.

## CONCLUSÃO FINAL

O Kshatrya não luta por poder, nem riquezas, nem para ampliar o seu território, nem sequer por prazer. O Kshatrya luta pelo Dharma, para restabelecer a ordem natural das coisas.

O primeiro combate do Kshatrya é consigo mesmo, porque nós só podemos dar o que temos: se é harmonia, harmonia; se é força e segurança, força e segurança...

Um Kshatrya é um guerreiro que deve ir à procura da paz e não um mercenário ou um bruto.

É consciente do seu dever e aceita-o com liberdade. Não obedece cegamente, primeiro passa pela peneira da sua consciência, porque aceita a responsabilidade dos seus atos.

A única meta do Dharma é a Libertaçāo da Humanidade da dor, das mediocridades e desejos: o retornar ao seio de Deus.

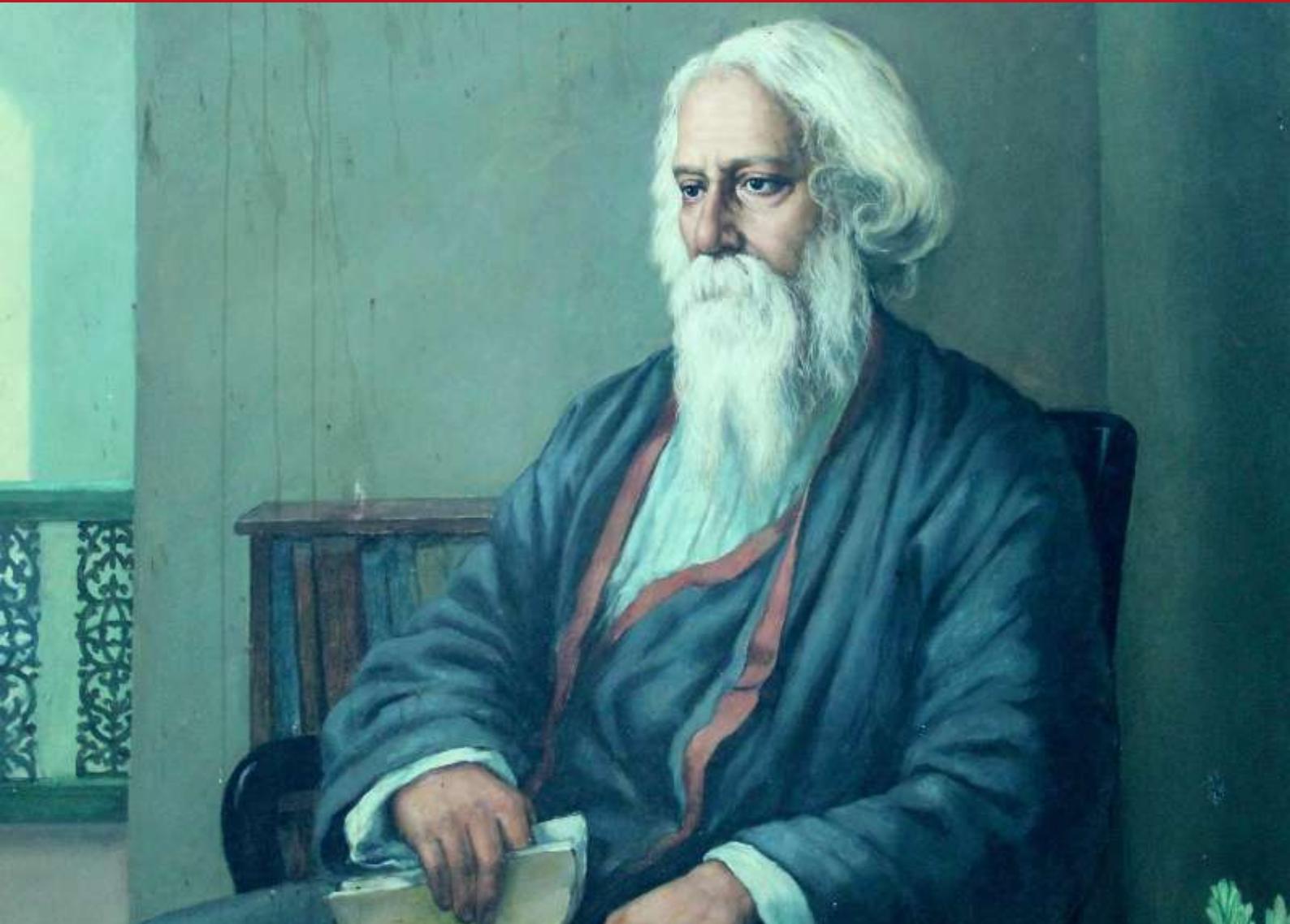
Da Isha Upanishad

*“Na verdade, a mente é a origem das ataduras e também a fonte da libertação.*

*Encontrar-se atado às coisas deste mundo: essas são as ataduras.*

*Encontrar-se livre delas: isso é a libertação.”*

O presente artigo tem como base o material escolástico do professor Jorge Ángel Livraga, da Escola de Filosofia Nova Acrópole, em especial SIMBOLOGIA TEOLÓGICA II, OS ELEMENTOS E RELIGIÕES I, ÍNDIA. Também as Upanishads Katha, Isha e Maitri.



Rabindranath Tagore. Licença Creative Commons

# O Clarim – A Colheita

Por Rabindranath Tagore

Texto extraído do livro *Fruit Gathering*, de Rabindranath Tagore

Dia fatídico! O clarim jaz sobre o pó. Fadigado é o vento. Morta a luz!

Ide, guerreiros, com os vossos estandartes! Cantai, cantores, o hino marcial!

Vinde, peregrinos, de todas os caminhos! Apressai a marcha! Que o clarim à vossa espera jaz sobre o pó.

Seguia eu, a caminho do templo, com as minhas oferendas, em busca de descanso, depois da suja jornada. Desejava curar o sangue das minhas feridas e apagar as manchas das minhas roupas.

Quando vi o clarim, que jazia sobre o pó!

Se calhar, já não era hora de acender o candeeiro da minha tenda?

Por acaso a noite já não havia embalado as estrelas?  
Rosa, rosa vermelha como o sangue! As papoilas de  
meu sonho empalideceram e murcharam. Acreditava  
que as minhas andanças tinham acabado e que,  
finalmente, tinha todas as minhas dívidas pagas.  
Quando vi o clarim, que jazia sobre o pó!

Vida! Golpeia novamente o meu coração adormecido  
da tua juventude! Que a meu regozijo ele se

reanime no teu fogo inextinguível! Raios da aurora,  
remonta-os sobre o coração da noite! Comove o  
paralítico de horror, arrebata o cego!

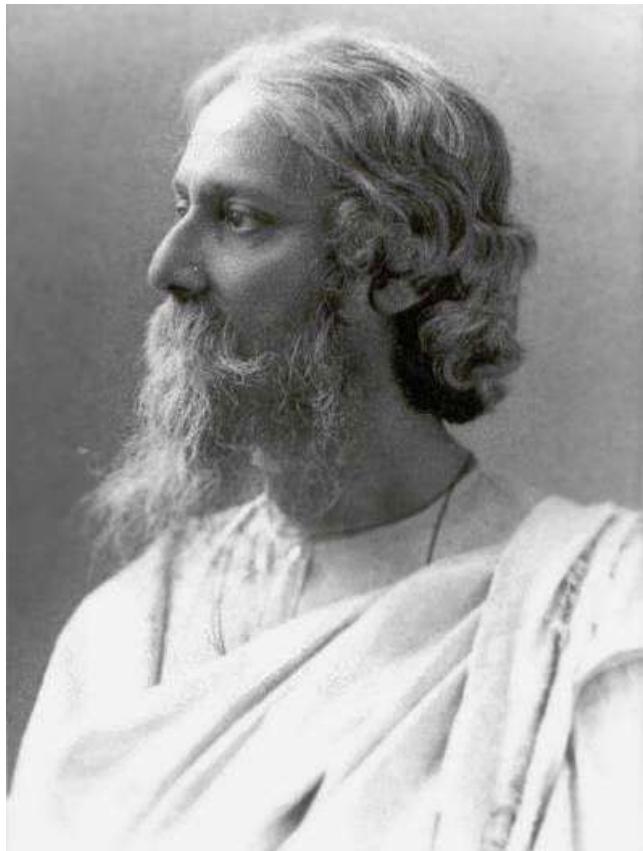
Estou aqui para tirar do pó o teu clarim!

Afaste-se de mim o sonho! Quero desafiar o dilúvio  
de flechas!... Seguir-me-ão aqueles que, apressados,  
deixarem as suas casas. Outros chorarão. E estarão  
aqueles que, impotentes, se contorcem nos seus leitos,  
entre pesadelos e terríveis lamentações.

Pois nesta noite soará o teu clarim!

Se implorei por descanso, foi só para vergonha  
minha. Aqui estou! Ajuda-me a encobrir-me com as  
minhas armaduras, para que os golpes grosseiros do  
mal lancem chispas da minha vida. E que em meu  
coração bata o tambor da vitória!

Livres estão as minhas mãos. Posso, com elas, apanhar  
o clarim!



Rabindranath Tagore. Licença Creative Commons



# Prefácio ao livro “Bhagavag Gita”

Por José Carlos Fernández

## PREFÁCIO

Algumas palavras sobre a  
Bhagavadgītā,  
nesta nova tradução de  
Ricardo Louro Martins

É um privilégio ter acesso a uma nova visão da *Bhagavadgītā* que, sendo “nova”, é, curiosamente, uma das que mais se ajusta ao cenário do texto original, escrita como ensinamentos num campo de batalha, enfrentando-se a desonra, a angústia e a morte, e sendo-se capaz de conquistar um nome, a vitória e o governo de si mesmo.

Talvez nos tenhamos esquecido que Arjuna, a quem é dirigido o discurso, é um guerreiro antes da grande batalha, não uma batalha qualquer, pois ele já havia demonstrado a sua condição heróica, mas sim a “grande batalha”, onde tudo se decidirá, onde nada será igual, onde a justiça na alma e na terra se afirmarão ou sucumbirão, onde, no final, tudo perecerá, restando apenas a “vontade do guerreiro único”, aquele que, como se diz na Luz no Caminho, vive no coração de cada um de nós, sempre disposto a combater pelo bom, pelo belo e pelo verdadeiro.

Evidentemente, sabemos que esta batalha, como todas as batalhas, é simbólica, sucedendo em toda a extensão da alma humana, e que Arjuna é o filósofo, o devoto dos sublimes ensinamentos, aquele que está disposto a conhecer-se e a conquistar-se a si

mesmo. Mas, como um ácido corrosivo, o niilismo e o materialismo espiritual têm-se apoderado deste livro e destes ensinamentos, e o cântico a todas as formas de um “yoga egoísta” e desrespeitoso parece imperar, alheio a toda a atitude generosa, sacrificada, firme, constante e terrível para com as próprias sombras e desejos. Yogas, tão mal compreendidos que, seguindo-os, incumpriríamos todos os deveres para com aqueles que nos rodeiam – e pior, para connosco próprios – e converter-nos-íamos numa espécie de lesmas que deixam apenas o rastro das suas misérias ao passar pela vida. Que, por passarem, nem passam, tal é a sua imobilidade anímica, pois esperam que esta passe por elas, arruinando e violando a sua melhor natureza e esperanças. O noivo era, afinal, de barro e, ao abraçá-lo, com as suas vestes manchadas, a noiva não sabe se há-de rir-se ou chorar.



Cena do Mahabharata no Templo de Angkor Wat: Arjuna no carro de combate. Licença Creative Commons

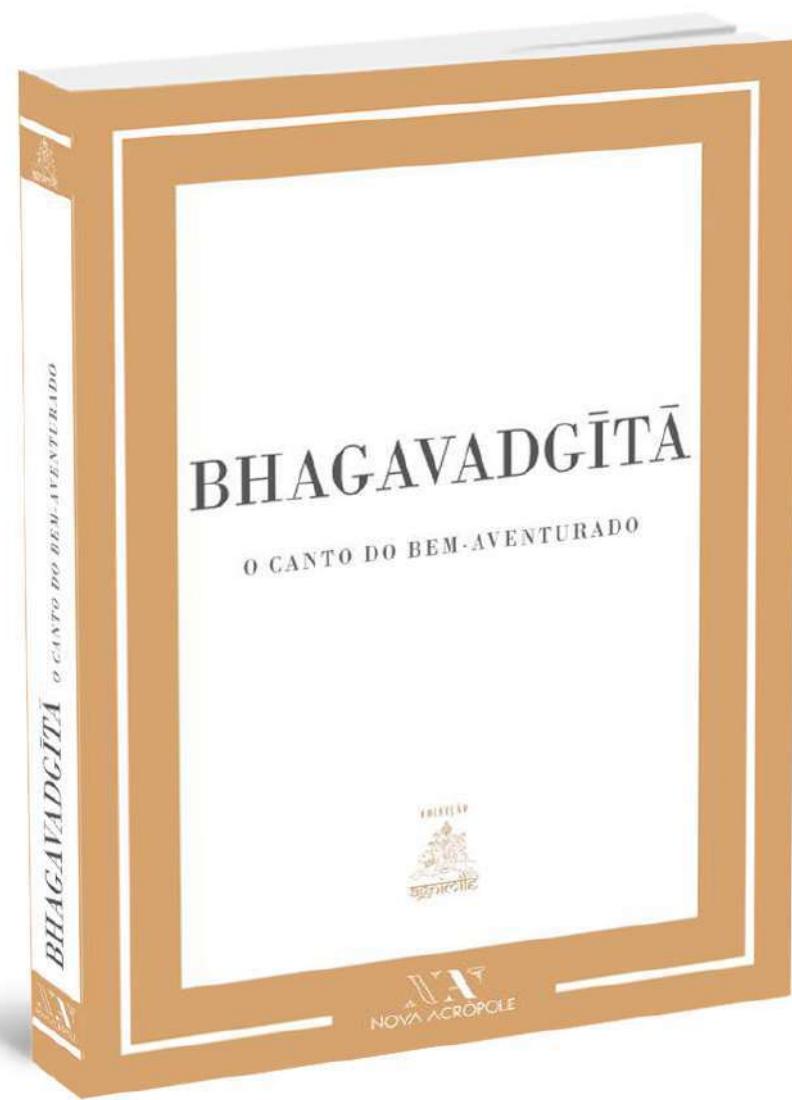
Esta é a primeira proeza desta tradução, a palavra yoga desaparece. Não é mencionada uma única vez, já que é traduzida pelo seu verdadeiro significado, o antigo, o original, o viril, que é «jugo». O jugo com que se enlaçam os bois para o trabalho, com que se cingem as forças e as naturezas opostas, harmonizando-as e governando-as. O jugo que nos permite conjugar os verbos e as vontades, e unir os deuses aos homens na consciência que é, a ambos, comum. E, assim, sempre que esta palavra sanscritica aparece, é traduzida pela sua imagem mental certa: «jugo». E, às vezes, é necessário vencer o jugo que nos ata à matéria ou às nossas paixões, ou desatar aquele que nos oxida e ensombrece. Outras vezes, o yoga é o jugo que vincula o céu com a terra, o homem com Deus, é o conhecimento no qual todas as existências se enlaçam e encontram a sua consumação, como o fogo que se converte em luz, ou como o mar que se converte em ar no jugo da espuma branca, um cântico de vitória, sempre. Jugo é «união», «vínculo», «amarra», «aquilo que cinge» e que chega a ser, também, «pacto», «juramento», «selo», como o anel de pactos dos guerreiros indo-europeus, entre si e com os deuses, o círculo sem fim, no qual tudo retorna à sua origem e excelsa condição.

E Kṛṣṇa não olha compassivo a debilidade de Arjuna estendido no carro, mas ri-se, às gargalhadas, da sua cobardia, encorajando-o a sair dela o mais rapidamente possível, se é que ainda lhe resta um átomo de orgulho.

Os ensinamentos sucedem-se, um após o outro, como uma torrente de saber que nos arranca do estatismo e da ignorância (tamas), que nos incita a ver e a fazer, renovando assim o sentido e o compromisso com a vida, com o tempo e com a alma, cujo esquecimento nos leva ao esquecimento e à morte. Ensinamentos tão importantes que fizeram dizer à grande H.P. Blavatsky que esta obra, assim como os diálogos completos de Platão, nos outorgam o saber de todos os Degraus que levam à Iniciação, se um Mestre, com maiúsculas, nos guiasse através das suas metáforas e dos seus enigmas.

Enfrentar o grande drama da vida e ir conquistando e vencendo tudo o que nos bloqueia o caminho em direcção ao coração da luz pura é, definitivamente, deixarmos de ser crianças, assumirmos a grande jornada no lugar onde, outrora, a deixámos, com novas paisagens e novos horizontes. O peregrino devora, com os seus passos, o caminho e vai-se convertendo nele; a chama consome a oferenda e converte-se em caminho para o céu, e funde-se com ele; e a estrela, ainda que distante, íntima, sorri àquele que se aventura em direcção ao desconhecido, saindo de uma comodidade que o estuprificava.

Obrigado, Ricardo, pela tua tradução, e por fazeres deste livro, com os seus ensinamentos, retornando aos étimos originais, uma porta para o Céu dos Valentes, dos Generosos e dos Puros, já que assim são sempre os verdadeiros mestres e guias da Humanidade, e os filhos querem sempre parecer-se com os pais que adoram.



# Tradução da Bhagavadgita, Capítulo 15

*Por Ricardo Martins*

*O Senhor Bem-Aventurado disse:*

«Raízes para cima e ramos para baixo,  
assim descreveram a imperecível <árvore>  
ásvattha,  
cujas folhas são a métrica dos hinos védicos:  
quem conheceu isto, conhece o Veda.

*Os seus ramos são propagados em baixo e em  
cima,*

*desenvolvidos pelas qualidades, e os seus rebentos  
são os objectos dos sentidos.*

*As raízes são difundidas para baixo,  
diminuindo nas acções do mundo humano.*

*Como tal, as suas formas não são aqui percebidas, nem o seu fim, nem o seu início, nem a sua fundação.*

*Esta <árvore> aśvattha tem a raiz bem entranhada, corta-a com a arma do desapego; depois, esforça-te por encontrar aquele lugar, do qual, tendo-se lá chegado, ninguém volta para trás, <afirmando:>*

*"Eu só me ajoelho perante o espírito primordial, a partir do qual este impulso antigo foi propagado!"*

*Aqueles isentos de orgulho e equívoco, tendo vencido o vício do apego,*

*tendo desistido dos desejos, eternamente <focados> no eu individual, desjungidos, pelo reconhecimento, do par de opostos da felicidade e do sofrimento, vão, desenganados, para este lugar imperecível.*

*O sol não o ilumina, nem a <lua> marcada pela lebre, nem o <fogo> purificador.*

*Esta é a minha excelente morada, tendo lá chegado, não voltam para trás.*

*Da mesma forma, uma partícula de mim, perpétua, tendo sido individualizada no mundo dos vivos, lavra os <cinco> órgãos dos sentidos e o sexto, a mente, fixados na natureza.*

*Esta majestade, que entra e, também, que sai do corpo, agarrando-os, escolta-os <para fora> do seu recipiente, como o vento aos perfumes.*

*Dirigindo a audição, a visão, o tacto, o paladar, o olfacto e, também, a mente, ela frequenta os objectos dos sentidos.*

*Quer saia, quer tenha permanecido <no corpo>, quer governe acompanhada pelas qualidades,*

*Os que estão confundidos não a percebem. Vêem-na os que têm a visão do conhecimento.*

*Os praticantes que se empenham vêem-na posicionada no eu.*

*Os inconscientes que não se auto-realizaram não a vêem, ainda que se empenhem.*

*O esplendor que, tendo ido para o sol, ilumina o mundo inteiro,*

*que está na medida da lua e que está no fogo, esse esplendor, entende, é meu.*

*Tendo chegado à terra, eu sustento todos os seres com o meu vigor,*

*tendo a natureza seivosa do soma, eu nutro todas as plantas.*

*Sendo eu <o fogo> comum a todos os Homens, tendo alcançado a forma física dos que respiram,*

*eu queimo, aparelhado na inspiração e na expiração, as quatro variedades de comida.*

*Estando instalado no coração de todos,*

*é de mim <que procedem> a memória, o conhecimento e o raciocínio.*

*Ora, sendo eu conhecido através de todos Vedas, na verdade,*

*sou eu quem conhece o Veda e quem faz o Vedānta.*

*Existem dois homens no mundo, o perecível e, também, o imperecível.*

*O perecível está em todos os seres, o imperecível, disse, é aquele que está no seu pico.*

*Mas existe outro homem ainda mais elevado, chamado de "eu superior",*

*o imperecedouro possuidorque, tendo atingido os três mundos, os suporta.*

*Mas eu, tendo superado o perecível, também sou mais elevado do que o imperecível,*

*daí ser celebrado no mundo e no Veda como o Melhor dos Homens.*

*Aquele que, desenganado, me conhece como o Melhor dos Homens,*

*ó Bhārata, conhece tudo e serve-me com todo o seu ser!*

*Ó tu Sem Pecado, isto que por mim foi dito é a doutrina mais secreta,*

*quem acordou para isto, ó Bhārata, está desperto e fez o que devia ser feito.»*



# Reavivar uma Cultura de Valores Humanos

Por Zarina Screwvala

O Círculo Cultural da Nova Acrópole explora a diversidade de expressões culturais através de uma série de apresentações íntimas e interativas, na tentativa de revitalizar a essência espiritual que forma a base de toda a arte e cultura clássicas. Longe de ser definitivo, este artigo é uma tentativa de partilhar uma

síntese da minha aprendizagem de alguns maravilhosos comunicadores que partilharam alguma da sua inspiração e sabedoria connosco nestes últimos anos. Nós estamos-lhes profundamente gratos. Para este artigo, foquei-me essencialmente nas artes clássicas da Índia, para ilustrar o valor da cultura.

A cultura não é só um conjunto de costumes, a particularidade dos trajes ou um estilo de culinária. Estes não são mais que a diversidade de expressão de um sistema de valores. A cultura pode ser vista como um estilo de vida, governada por ideais e valores transcedentais, tais como a busca pela beleza, bondade, sabedoria ou justiça. Podemos talvez dizer que a cultura é a força civilizadora que permite o desenvolvimento do potencial humano, que está impressa na forma como comemos, vestimos e falamos; que norteia as artes e ofícios e que é vislumbrada nas nossas cerimónias.

Esta visão filosófica da cultura pode ser transmitida através do tempo, tanto que cada geração adapta as formas, mas os ideais, o sentido e os princípios mantêm-se inalterados. Assim, a tradição cultural continua vibrante como uma cadeia viva, permitindo-nos receber expressões de sabedoria intemporal e valores dos nossos ancestrais, no contexto dos nossos tempos. É, de certa forma, a procura pelo que significa ser humano. No entanto, quando os valores estão perdidos ou distorcidos, e apenas resta a sua casca exterior, essas mesmas tradições podem cegar-nos em vez de nos despertar.

## Propósito Sagrado

**Mandakini Trivedi**, autor e expoente da forma clássica de dança Mohiniyattam, explica que toda a forma com sentido é, essencialmente, filosófica, porque nos estimula a explorar as perguntas mais comuns da vida: Quem sou? Porque é que estou aqui? Que papel desempenho na minha vida? Não são estas as mesmas questões de identidade, feitas por filósofos de todos os tempos?

Isto foi ecoado pela cantora profissional **Dipti Sangeetha**, que também é membro e professora na Nova Acrópole, quando explicou que a palavra *svara*, que é normalmente expressada como uma nota musical,

é composta por duas palavras: *sva*, que significa o eu, e *ra* que significa bilhar. Isto significa que tocar uma única nota pode permitir ao eu que brilhe.

Trivedi também explica que a arte clássica é caracterizada, na sua essência, por uma sentida procura pela plenitude e união. Estas são duas formas de arte. A forma empírica, ou *Laukika*, literalmente “do mundo”, que imita a vida e tenta compreender e expressar o que pode ser visto ou medido. Podemos encontrar exemplos disto em várias formas de música e dança folk. Por outro lado, a arte *Alaukika*, ou arte transcendental, procura entender e expressar o que não pode ser visto nem medido; procura e dá um vislumbre do que está para além, nos reinos sagrados, onde o objetivo é a unidade, ou o *Yoga*. Os templos clássicos de dança da Índia são exemplos de arte *Alaukika*.



Dançarina a realizar uma dança Mohiniyattam.  
Creative Commons

O discípulo de Trivedi, **Miti Desai**, explica que a *Vastu Sutra Upanishad* expõe o *Arupad Rupam Tasya Phalam*, ou seja, que “a forma nasce da não forma”. Ela explica que esse é o propósito da forma, que é sempre limitada e passageira, para estimular o retorno à perfeição da não-forma, ou sagrado. Talvez isto explique porque é que para **Chintan Upadyay**, uma enorme referência da antiga tradição musical clássica Hindustani do Drupad, cantar é um encontro com o sagrado: “Onde quer que eu cante, é um templo para mim.”

### Quadro Estrito de Regras

Na música, há apenas sete notas com as quais todos os artistas devem compor. Isto é certo para o ocidente e para a música clássica da Índia. Este quadro dá-nos limites claros, dentro dos quais uma infinita variedade e desenvolvimento são possíveis. Por isso, Chintan observa que nunca dois espetáculos de música clássica serão iguais. É dentro dos limites

desse quadro, que os artistas são livres de criar a sua própria arte. Aprendendo a obedecer às regras, o artista pode deixar a sua marca especial, embora permitindo à tradição que evolua, enquanto mantém a sua essência intacta.

Isto é também evidente numa rápida observação da natureza, onde nada é arbitrário ou caótico, todos os componentes obedecem a uma ordem de inteligência subjacente determinada por leis, que resultam em unidade, harmonia e beleza esplendorosa. A misteriosa sequência de Fibonacci, por exemplo, é expressada numa miríade de aspectos da Natureza; desde o rodopiar das floreiras de girassóis, às ondas do mar, às galáxias em espiral. Além disso, a proporção resultante entre dois números Fibonacci (do 3:5 em diante), chamada de proporção áurea, foi usada por artistas desde tempos idos na sua busca por captar princípios de harmonia e beleza. As proporções arquitetónicas do Pártenon em Atenas, são um exemplo.



Licença Pixabay

## O imenso valor da disciplina

**Tara Kini**, cantora clássica Hindustani e educadora, explica que quanto mais regras, mais a forma se torna clássica; esse é o quadro de regras que constrói a disciplina da concentração necessária para nos aplicarmos na arte.

Um discípulo caracteriza-se pela sua disciplina. Chinta Upadhyay partilha a experiência da sua prática diária de *Svar Sadhana*, normalmente por volta das quatro da manhã. Ele explica que o artista pratica uma única nota durante cerca de cinquenta minutos. E que a sessão pode continuar por mais duas horas e meia. Esta prática diária de uma única nota permite ao praticante alcançar um estado de concentração intensa, que ajuda a purificar a mente, tornando-a mais calma e clara. Ele descreveu como, através da prática regular, o artista pode alcançar um estado raro em que a nota e o artista se tornam um.

## O Guru-Shishya Parampara

A tradição mestre-discípulo é uma tradição honrada desde sempre na Índia, onde o discípulo vive com o mestre e estuda sob a sua direção enquanto ao mesmo tempo cumpre com as tarefas que lhe são pedidas, desde cozinhar a varrer. É claro que além do ensino de uma capacidade, por exemplo cantar, o mestre transmite uma abordagem à vida, uma forma de viver. A esta luz, Chintan disse que até trocar uma lâmpada na casa do guru ganhou um novo significado. Chintan é discípulo do Guru Pandita Uday Bhawalkar, que foi um estudante do lendário Ustad Zia Fariduddin Dagar e de Ustad Zia Mohiuddin Dagar, que veio de 19 gerações de um ininterrupto legado *guru-shishya*.

## Sintonizado com a Natureza

O conceito de raga na música clássica indiana, por exemplo, destila a aspiração de se sintonizar com a ordem natural do mundo circundante, com arranjos musicais que sejam associados a certas alturas do dia, ou a uma certa estação. Mas também encontramos esta busca expressada em várias outras expressões culturais. Estas permitem-nos um trabalho ao ritmo das estações e do momento do dia, com regras de como comer, dormir, colher e celebrar a vida com o rodar das estações. Por exemplo, podemos ver a harmonização tangível com a natureza no trabalho do arquiteto **Parul Jhaveri**, que explicou que a antiga arquitetura indiana estava cheia de princípios científicos com a intenção de servir tanto a natureza como o homem. Os métodos tradicionais de construção levam em conta dimensões como a conservação de água, arrefecimento natural e disposição de lixo. De modo semelhante, o estudioso de sânscrito **Dr. Ushma Williams**, explica que o Ayurveda é a ciência e a sabedoria da vida. Ela fala da importância do tempo e do espaço no Ayurveda, por exemplo da importância da comida local e sazonal, colhida no momento certo, na ordem certa.

## Cultura como meio de Transformação

Podemos então propor que a arte clássica, bem como os diversos aspectos da cultura, são uma forma de permanente educação e transformação do ser humano, com o propósito de despertar valores humanos. E, portanto, não é surpreendente que a tradução pareça ter tratado a cultura como sagrada. Momentos imersos na arte, e em outras expressões da cultura, podem criar uma breve oportunidade de nos afinar com a Natureza, com a Vida, e de fazer brilhar a melhor versão de nós mesmos; com o que é Belo, Bom e Verdadeiro.

# CURSO



# FILOSOFIA PRÁTICA



## Conhecer-se a si mesmo

O conhecimento de si mesmo é a chave de todo o conhecimento superior e da compreensão da Natureza; é o primeiro passo na transformação de nós próprios.

No entanto, nem sempre pensamos, sentimos ou agimos como gostaríamos. Temos sentimentos indesejados, alegrias fugazes e relacionamentos complicados.

Uma sábia gestão emocional pode resolver muitos dos nossos problemas, ajudando-nos a conviver com tudo o que nos rodeia.



## A harmonia do mundo

Há na natureza uma harmonia com a qual podemos entrar em sintonia.

A sociedade e a harmonia nas relações são construídas por indivíduos conscientes e ativos nessa construção de um mundo melhor.

A filosofia dá-nos pistas sobre como quebrar as correntes da ignorância pessoal, do preconceito e do medo para uma sociedade mais aberta e mais livre.



## O sentido da existência

Uma vida com sentido não é algo assim tão distante como se poderia pensar.

Ela está enraizada no exercício das nossas melhores capacidades inatas como a força de vontade, amor e empatia, criatividade, coragem e resiliência, atenção e serviço ao outro.

A prática das virtudes próprias do ser humano confere um sentido a cada um dos nossos actos e integra-nos com o caminho da humanidade.



PANDAVA É UMA REVISTA  
INTEIRAMENTE REALIZADA  
POR VOLUNTÁRIOS DA  
NOVA ACRÓPOLE DE PORTUGAL

[WWW.NOVA-ACROPOLE.PT](http://WWW.NOVA-ACROPOLE.PT)